

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
LICENCIATURA EM LÍNGUA E LITERATURA JAPONESA

PEDRO MARTINS LOPES

**MAIHIME (“A BAILARINA”) DE MORI OGAI:
UM EXEMPLO DO ROMANTISMO JAPONÊS**

BRASÍLIA

2018

PEDRO MARTINS LOPES

**MAIHIME (“A BAILARINA”) DE MORI OGAI:
UM EXEMPLO DO ROMANTISMO JAPONÊS**

Monografia de conclusão de curso apresentada
como requisito para obtenção do diploma de
licenciado em Língua e Literatura Japonesa da
Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Donatella Natili

BRASÍLIA

2018

PEDRO MARTINS LOPES

MAIHIME (“A BAILARINA”) DE MORI OGAI:
UM EXEMPLO DO ROMANTISMO JAPONÊS

Monografia de conclusão de curso apresentada
como requisito para obtenção do diploma de
licenciado em Língua e Literatura Japonesa da
Universidade de Brasília.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª Donatella Natili – Universidade de Brasília
(Orientadora)

Prof^ª Dr^ª Patrícia Nakagome – Universidade de Brasília
(Examinadora)

Prof^ª Dr^ª Kyoko Sekino – Universidade de Brasília
(Examinadora)

*“Die Welt muß romantisiert werden. So findet man
den ursprünglichen Sinn wieder. Romantisieren ist
nichts, als eine qualitative Potenzierung”*

(Novalis)

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho é apresentar o contexto geral sob qual a obra *Maihime* foi escrita, bem como analisar as suas características e relacioná-las com o período romântico, que, no Japão, tomava formas a partir da chamada trilogia alemã do escritor Mori Ogai. Procurou-se fazer um exame geral do estilo da obra, mas, além disso, o presente trabalho ocupa-se também em exibir alguns dos principais fatos da carreira literária desse escritor que, embora seja o maior entusiasta japonês, à época, das questões estéticas do romantismo, é pouco estudado no Brasil, com escassas traduções de sua obra. Ele contudo foi não só ponte entre a literatura dos dois lados do globo, como também foi um dos escritores que auxiliaram na prosperidade intelectual japonesa após a reabertura do país às relações internacionais. Uma vez que tenhamos feito uma análise geral sobre a vida e obra de Mori Ogai poderemos ter ciência de sua exímia importância histórica para o surgimento do conceito de romântico no Japão e poderemos, possivelmente, colocá-lo em posição de maior destaque dentre os grandes escritores da era moderna de seu país.

Palavras-chave: Romantismo; Literatura Japonesa; Estética; Mori Ogai.

ABSTRACT

The main objective of this work is to present the general context under which the work *Maihime* was written, as well as to analyze its characteristics and to relate them to the romantic period, which took his forms in Japan and was conceived from "German Trilogy" by Mori Ogai. It was sought to make a general examination of the style of the work, but in addition, this very work is also concerned with showing some of the main facts of the literary career of this writer who was the greatest Japanese enthusiast of the aesthetic questions of Romanticism, but yet is little studied in Brazil, with few translations of his work. Nevertheless he was not only a bridge between literature of both sides of the globe, he was also one of the greatest writers who helped in the Japanese intellectual prosperity after the reopening of the country to international relations. Once we have made a general analysis of life and work of Mori Ogai, we may be aware of his outstanding historical importance to the Japanese concept of romanticism. and we may possibly place him in a position of greater prominence among the writers of the modern era of his country.

Keywords: Romanticism; Japanese Literature; Aesthetic, Mori Ogai.

SUMÁRIO

• INTRODUÇÃO.....	6
• CAPÍTULO I: O ROMANTISMO NO JAPÃO E SUA ÉPOCA.....	7
• CAPÍTULO II: VIDA E OBRA DE MORI OGAI.....	11
• Vida e Obra.....	11
• Anos na Alemanha.....	14
• Estilística.....	17
• CAPÍTULO III: MAIHIME, “A BAILARINA”.....	19
• CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
• REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28
• APÊNDICE.....	1

INTRODUÇÃO

O romantismo¹ nasceu ao final do século XVIII, na Europa, como uma oposição às tendências iluministas que formavam a cerne intelectual do continente. A atuação popular do romantismo foi tão profunda em seu ápice, no século XIX, que ele orientou todas as composições concernentes às belas-artes europeias e influenciou todas as esferas sociais de seu tempo. Na literatura, o movimento produziu um dos mais famosos gêneros literários de todos os tempos, o romance, este que, segundo Marthe Robert (1914-1996), em seu livro *Romance das Origens, Origens do Romance*, ascendeu de uma subcategoria para se tornar uma força que reina soberana sobre o mundo da literatura (ROBERT,1972).

Com o início da era Meiji, a fim de que o país se modernizasse após sair de seu isolamento para com as relações internacionais, o governo japonês mandou os seus notórios alunos e intelectuais para intercâmbios na Europa na intenção de que assimilassem o conhecimento das notórias tendências mundiais nos campos das artes e ciências. Entre estes alunos estava o médico e escritor Mori Ogai. Em 1890, já de volta ao seu país, o escritor publicou a sua primeira obra literária, altamente influenciada pelo movimento romântico alemão. Em concomitância com o seu trabalho de médico, Ogai engajou-se nos círculos literários de sua sociedade e logo lançaria uma revista com as tendências estéticas em voga na arte europeia, e com sua influência e maestria artística mudaria o rumo da estilística literária de seu país.

A partir deste contexto analisaremos a natureza do romantismo japonês e suas influências, perpassando pelos importantes autores do movimento e esboçando uma síntese do contexto histórico e social da época. Naturalmente, ao se tratar de romantismo no Japão, será imprescindível chegar em Mori Ogai, e ao prestigiar o seu conto romântico *Maihime* exploraremos também vida e obra deste escritor que contemplou e atuou diretamente na modernização da arte literária de seu país.

1 A palavra vem da expressão latina *romanice scribere* (escrever em idioma romance). Eram as línguas originadas do latim clássico.

CAPÍTULO I – O ROMANTISMO NO JAPÃO E SUA ÉPOCA

Na necessidade de modernizar o país em termos sociais, econômicos e culturais, deu-se início à era Meiji (1868-1912) no Japão. Uma das estratégias utilizadas pelo governo para que se trouxessem novidades tecnológicas e culturais do Ocidente foi a de enviar seus mais proeminentes alunos para intercâmbios nas grandes cidades europeias, além de adequar as universidades ao ensino dos mais importantes idiomas do período. Já no início da era moderna os escritores japoneses passaram a reiterar a importância de se produzir obras literárias aos moldes da concepção europeia, tentando adequar as profundidades de suas obras à realidade do próprio povo japonês, na intenção de modernizar a cultura às tendências universais. Nesta época vemos as primeiras importantes transições na estética literária do Japão, que então tomava forma ocidental. A mudança de maior relevância foi na estrutura semântica da palavra amor e suas implicações sociais; Com a influência externa sobre o Japão naturalmente os juízos concernentes às religiões também seriam debatidos pelos intelectuais da era Meiji, e na estética literária ocidental o conceito de amor está intimamente ligado ao cristianismo, por exemplo, diferentemente do amor advindo das convicções japonesas do período pré-moderno, anterior à era Meiji. Na convicção oriental o conceito de amor é ligado ao deleite do corpo e efetivado através das questões eróticas. Na Europa, no entanto, a palavra traz consigo uma carga secular de sublimação e transcendentalismo, sendo estes conceitos diretamente conectados aos ideais cristãos de se elevar o espírito sobre os prazeres carnis. Este amor transcendental pode ser chamado de amor romântico.

O amor romântico, destarte, foi uma das principais características da arte europeia a ser discutida na cultura japonesa a fim de que pudessem compreender os trabalhos românticos dos europeus nas belas-artes. Esta noção de amor sublimado fazia-se presente em todos os ramos artísticos e sua compreensão era de fundamental importância, mas a língua japonesa ainda ficou defasada de conceito que equivalesse precisamente à adoração romântica concernente ao amor, como insinua Takayuki Murakami:

" 'I adore you', in the sense that one simply loves someone is an expression that can hardly be translated into Japanese without losing or adding nuances. Translators of the early Meiji period found it difficult to render even 'I love you' into Japanese since what was the nearest equivalent of 'to love', ai-suru, implied condescending caresses by a male who was in the position to

patronize but not to worship a woman."²(MURAKAMI, Takayuki. 1991. p. 220) .

Pode-se dizer que o movimento romântico no Japão começou a tomar forma própria na metade da era Meiji, a partir da tradução de Nakae Chomin (1847-1901) do livro *L'esthetique* (1878), do escritor Eugene Véron (1825-1889). No livro, são apontados alguns princípios estéticos de importância fundamental à base estilística do conceito de romântico no país.

“A work is beautiful when it bears strong marks of the individuality of its author, of the permanent personality of the artist, and of the more or less accidental impression produced upon him by the sight of the object or event rendered.”³ (VERON, Eugene. 1878.)

Em 1889, com a primeira produção de Kitamura Tokoku (1868-1894) e com a criação da revista literária *Shinseisha* (新声社)⁴, o movimento romântico começou a ser difundido por todo o território japonês. Através desta e de outras revistas literárias os poemas influentes e mesmo os ideais filosóficos do Ocidente foram difundidos. Doppo Kunikida (1871-1908), apesar de ser identificado como um naturalista, estudou o inglês na faculdade e se tornou um dos principais tradutores do romântico William Wordsworth no país; Doppo também é um exemplo de escritor que se converteu e teve sua obra influenciada pelo catolicismo junto com o próprio Kitamura Tokoku. Mori Ogai, tendo estudado na Alemanha, trouxe ao país os poemas de românticos proeminentes como Heinrich Heine e Theodor Körner, e também algumas traduções de Byron. Keene ressalta a importância dos românticos ingleses para os literatos japoneses da época:

"This may well have been the period when English poetry exerted the greatest influence on the Japanese: poets carried with them copies of Byron and Shelley, Wordsworth and Keats, and even Dante Gabriel Rossetti. The strongest bond among the Bungakkai members was probably not their Romanticism but their love of English poetry."⁵ (KEENE. 1998. p. 192.)

-
- 2 “‘Eu te adoro’, no sentido de que uma pessoa simplesmente ama outra, é uma expressão que dificilmente pode ser traduzida para o japonês sem perder ou adicionar nuances. Tradutores do início da era Meiji acharam difícil adequar até mesmo o “eu te amo” para o japonês, já que o que era o mais próximo de “amar”, o ai-suru, implicava carícias condescendentes de um homem que estava em posição de proteger, mas não de adorar uma mulher.”
 - 3 “Um trabalho é belo quando tem fortes marcas de individualidade do seu autor, de personalidade permanente do artista e de alguma impressão acidental produzida por ele por uma visão do objeto ou do evento capitulado.”
 - 4 Em português: “Nova Voz da Sociedade”. Era regida principalmente pelas publicações mensais de traduções e críticas literárias de Mori Ogai.

Houve outros proeminentes escritores japoneses que tracejaram suas obras pelo caminho do romantismo como Tokutomi Roka (1868-1927), Izumi Kyouka (1873-1939) e Higuchi Ichiyo(1872-1896). O romantismo consolidou-se como um movimento literário no Japão de forma tardia, nos quinze anos finais da era Meiji. Na França do final do século XIX já se sugeria uma transição deste movimento para simbolismo. O Japão, com a necessidade de escrever sua realidade no mesmo ímpeto e profundidade amorosa dos europeus, logo procurou formas de adaptar o seu estilo para o que era tendência. Ainda com alta influência dos princípios estéticos de Eugene Verón, que foram de suma importância para a criação de um estilo romântico original, nasceu o Shishosetsu⁶, um estilo de romance naturalista que incorpora situações e pensamentos característicos do próprio autor, e expõe o lado obscuro de sua vida e do grupo social no qual ele se encontra. Este estilo perdura até hoje e influenciou importantes escritores do século posterior ao do romantismo, como Osamu Dazai (1909-1948) e Kenzaburo Oe (1935) .

O romantismo japonês, em resumo, durou pouco mais de quinze anos, tendo o seu fim em 1904 próximo ao início da guerra russo-japonesa. As características preponderantes da estilística desse movimento, no Japão, foram profundamente influenciadas pelos conceitos de sublimação advindos do cristianismo e dos princípios estéticos trazidos da Europa por Mori Ogai e seus ensaios e traduções publicados nas revistas literárias como Shigarami-Zoshi (1889) e Shinseisha (1889). O estilo foi bem-aceito pelos literatos da época, que começaram uma intensa produção romântica alicerçada nas individualidades de suas próprias personalidades e desenvolvendo um conceito de amor transcendental nunca antes concebido pela literatura japonesa. Estudiosos passaram a traduzir os grandes clássicos da Europa e o movimento foi ganhando cada vez mais a adesão dos literatos. Se Kitamura Tokoku foi o primeiro romântico japonês, podemos dizer também que Ogai foi principal nome do estilo no país. Com o início da guerra o estilo da literatura japonesa desenvolveu-se de forma ímpar dando início à produção do romance do Eu, o Shishosetsu, que viria a ser o estilo aderido

5 “Este pode ter sido o período em que a poesia inglesa exerceu a maior influência sobre os japoneses: poetas carregavam consigo cópias de Byron e Shelley, Wordsworth e Keats, e até mesmo de Dante Gabriel Rosseti. O laço mais forte entre os membros do Bungakkai provavelmente não foi o romantismo mas o amor pela poesia inglesa.”

6 Abreviação de Watakushi Shosetsu (私小説), estilo literário alicerçado nos elementos autobiográficos do próprio autor e que expõe um lado obscuro da sociedade ou da vida do narrador (é escrito em primeira pessoa).

pelos círculos intelectuais do país e que é de fundamental importância pela sua singularidade no contexto literário mundial.

CAPÍTULO II – VIDA E OBRA DE MORI OGAI

VIDA E OBRA

Mori Rintaro (1862-1922) foi o mais velho dos filhos de um médico a serviço do clã Tsuwano, que, durante o período Tokugawa⁷, administrava o que hoje é a prefeitura de Shimane. Já aos cinco anos de idade iniciou os seus estudos no confucionismo e aos seis já conseguia ler textos chineses por conta própria. A era Meiji iniciou-se neste mesmo tempo e Mori Rintaro foi curiosamente um dos únicos japoneses a participar da transição da tradição escolástica dos clássicos chineses para os estudos ocidentais; nesta época as escolas se adaptavam aos moldes europeus de ensino e um seletivo grupo de estudantes, estes de famílias abastadas e com essa mesma faixa de idade, puderam usufruir do modelo de ensino clássico e moderno, conjuntamente. Por ser descendente de médico e por ser o holandês o idioma prevalecente nas questões científicas até aquele momento, Mori Rintaro passou a aprendê-lo em 1870. Seu pai logo percebeu a competência do filho para a instrução e aos dez anos o levou para estudar em Tóquio. Viveu lá com o filósofo Nishi Amane⁸, que foi um dos primeiros homens a sair do país para estudar na Europa. Com ele, Mori iniciou-se nos estudos do idioma alemão e aos quinze anos iniciou seus estudos médicos na chamada hoje de Escola de Medicina de Tóquio. Aos dezenove anos graduou-se e, na intenção de estudar no Ocidente, entrou no corpo médico do exército japonês.

Aos vinte dois anos, por ser um aluno aplicado, foi enviado pelo governo japonês para estudar técnicas avançadas de higiene e medicina militar na Alemanha. Por lá viveu durante quatro anos nas cidades de Lípsia, Dresda, Munique e Berlim. Paralelamente aos estudos médicos aprofundou-se na literatura europeia. Ao voltar ao seu país, em 1889, ele foi considerado o vanguardista de um novo movimento literário e deste ponto em diante

7 Tokugawa foi o último xogunato do Japão, liderado pela família que dá o nome ao período. É também conhecido como período Edo (atual Tóquio), e durou de 1603 até 1868.

8 Nishi Amane (1829-1897) foi um filósofo e um dos primeiros japoneses a sair do país para a Europa. Depois de estudar na Universidade de Leida, ele retornou ao Japão, em 1865, e usou o resto de sua carreira para introduzir ideias ocidentais no Japão. Ogai foi bastante influenciado pelo seu contato com o filósofo e permaneceu em sua casa durante a juventude, quando estudava para cursar medicina na Universidade de Tóquio. Depois ele retribuiu os favores para Nishi Amane escrevendo a biografia oficial de sua família.

prosseguiu com a carreira de médico e escritor. Suas obras eram assinadas com o pseudônimo “Mori Ogai”.

A sincronicidade dos eventos históricos na vida do escritor fazia dele um modelo de representação de modernização, como expressou o crítico Shuichi Kato(1919-2008):

"The age in which Mori Ogai was active began with the promulgation of the Imperial Constitution of 1889. This constitution marked the end of the reform of the political system that had begun with the restoration. [...] In this sense, Ogai was the personification of the age in which he lived."⁹ (KATO, Shuichi. 1997. p.260.)

Logo após seu retorno da Alemanha, Ogai iniciou sua própria revista, assim como faziam os jovens escritores da época para iniciar suas carreiras no mundo literário e atrair leitores. Nesta revista, a *Shigarami-Zoshi*¹⁰ (1889-1894), ele publicou os seus três contos românticos, experimentos autobiográficos (que sugerem, talvez, a preferência do autor pelo estilo ficcional e histórico, devido a sua póstuma criação textual, o gênero ficção histórica, já em seus anos finais) concernentes ao período em que viveu na Alemanha: *Maihime* (舞姫. Janeiro de 1890), *Utakata no Ki* (うたかたの記. Agosto de 1890) e *Fumizukai* (文づかひ. 1891). Ao mesmo tempo em que iniciava sua carreira literária o escritor dava continuidade ao seu trabalho como médico; em 1889 lançou duas revistas a respeito do seu aprendizado na Europa: *Eisei Shinshi* (Nova Higiêne) e *Iji Shinron* (Nova Medicina). Mori Ogai, ademais, foi um produtivo tradutor, e sendo ele fluente em alemão tornou acessível ao povo japonês traduções de Rilke, Hauptmann, Schiller, Goethe e até mesmo as versões alemãs de Aristóteles, Dostoiévski, Shakespeare, etc. Sua tradução mais famosa é a de *Fausto* (1913)¹¹, sendo ainda a mais reconhecida tradução da obra para a língua japonesa. A influência de Goethe na vida do autor é visível principalmente no seu conto romântico *Utakata no Ki* (1890). Ogai ainda participou da guerra russo-japonesa (1904-1905) e se tornou, tal era sua aplicação, cirurgião geral do exército japonês. Foi ainda chefe do museu imperial em 1917.

9 “O tempo em que Mori Ogai começou a escrever começou com a promulgação da constituição imperial de 1889. Essa constituição marcou o fim da reforma do sistema político que havia começado com a restauração. [...] Nesse sentido, Ogai foi a personificação do tempo em que ele viveu.” .

10 Como o nome sugere (A Represa), o objetivo do jornal era o de retratar uma variedade de trabalhos literários e eliminar aqueles de baixa qualidade. Havia traduções e trabalhos autorais de um grupo de jovens talentosos liderados por Ogai.

11 *Magnum Opus* de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832). A primeira apresentação da obra foi em 1829.

Os últimos trabalhos de Ogai relativos à literatura foram as ficções-históricas (shiden), altamente influenciadas pelo ritual de suicídio do general Nogi Maresuke (1849-1912): o shiden funcionava como relatos históricos de nomes importantes do período Edo que foram esquecidos no baú do tempo. O nome de cada uma das ficções-históricas remete diretamente à figura central das obras, sendo elas: Suginohara Shina, Shibue Chusai, Juami, Izawa Ranken, Toko Tahei, Suzuki Tokichiro, Saiki Koi, Kojima Hosoe e Hojo Katei. Dilworth e Rimer falam que a importância das ficções históricas de Mori Ogai consiste no fato de que elas se tornaram a expressão final do gênio versátil do escritor (DILWORTH; RIMER. 1991). Mas como pôde um intelectual se tornar tão produtivo em duas áreas tão distintas? Para Izumi Hasegawa o fato de Ogai ter estudado a “língua da medicina” e os clássicos chineses de forma tão precoce contribuiu para a formação deste “gênio versátil”, que através de uma síntese entre clássicos ocidentais e orientais modernizou a literatura japonesa adequando seus fundamentos tradicionais à transformação cultural que estava em andamento durante o seu contexto histórico e social:

"The chinese marginalia¹² in the books which Ogai read in Germany often include references to passages from Takizawa Bakin and Tamenaga Shunsui as well as to Chinese classics such as the Suikoden. This suggests that Ogai began to cultivate himself as a writer by reading extensively in Chinese and Japanese fiction and proceeded from there to a comparative study of Oriental and Western literatures, a method that enabled him to cover new ground while gaining fresh insights into work already done."¹³ (HASEGAWA, 1965 apud DILWORTH; RIMER. 1991. p.18)

Ele ainda descreve o tipo de educação que o escritor teve durante a infância e adolescência:

"At a very young age, Ogai began studying Confucianism with a private tutor and later continued his training at the Yorokan, the fief school, where he studied Confucianism, Classical Japanese Literature, and Dutch, the language of medicine. Offering courses in the Japanese Classics and studies in Dutch made the Yorokan unique for a fief school because the tendency at

12 Marginalia é o termo concernente ao conjunto de notas, comentários, escritos pessoais ou editoriais inseridos na margem de um manuscrito, seja um livro, um jornal, um caderno et cetera. A marginalia é muito comum, principalmente, entre os autores românticos.

13 “As marginalias chinesas nos livros que Ogai leu na Alemanha geralmente incluem referências a passagens de Takizawa Bakin e Tamenaga Shunsui, bem como a clássicos chineses como o Suikoden. Isso sugere que Ogai começou a se cultivar como um escritor lendo extensivamente a ficção chinesa e japonesa, e a partir daí procedeu para o estudo comparativo das literaturas orientais e ocidentais, um método que permitiu-lhe cobrir novos caminhos ao mesmo tempo em que ganhava novas ideias sobre o trabalho já realizado.”

the time was to emphasize Confucian studies to the exclusion of everything else.

The man responsible for instituting this sort of progressive curriculum in anticipation of the needs of a new Era was Kamei Koremi, the daimyo of Tsuwano fief. Kamei, who believed in special education for the intellectually gifted, sent a few outstanding students from the fief school to Tokyo each year so that they could be educated as leaders of the new age."¹⁴(ibid. p.19)

Mori Rintaro morreu no dia 8 de julho de 1922, de insuficiência renal. Seus trabalhos literários somam cerca de 120 obras; fundou as maiores revistas literárias de sua época, desenvolveu um novo tipo de ficção autobiográfica, produziu algumas das mais importantes traduções literárias do Japão e logo emergiu como um dos líderes culturais de seu tempo. Enquanto isso, de alguma forma, encontrou tempo para manter uma carreira no corpo médico do exército de seu país, onde ele ascendeu ao posto de cirurgião-chefe. Ogai é visto como uma autoridade literária em seu país, como escritor, tradutor, intelectual e crítico.

Marvin Marcus expressa que não foi para menos que o crítico Saro Haruo (1892-1964) designou o ano de 1884, o ano da ida de Mori Ogai para a Alemanha, como o marco inicial da literatura japonesa moderna. (MARCUS, 1993.)

ANOS NA ALEMANHA

Dentre Outubro de 1884 e Agosto de 1888, Mori Ogai morou e estudou em Lúpsia, Dresda, Munique e Berlim.. Quanto à sua vida na Alemanha, manteve quatro tipos de documentação: Doitsu Nikki (o seu diário pessoal, publicado em 1899.), Taimu Nikki (o registro diário das atividades medicinais durante suas obrigações militares. 1888), Zaidokuki (registro da sua estadia na Alemanha) e o Kosei Nikki (jornal de viagem para o Ocidente. 1884). Em seus registros podemos encontrar descrições dos locais visitados, dos eventos frequentados e informações sobre algumas das pessoas que ele ia conhecendo durante a sua

14 “Quando era muito jovem, Ogai começou a estudar confucionismo com um professor particular e depois continuou seu treinamento em Yorokan, na escola feudal, onde estudou confucionismo, literatura japonesa clássica e o holandês, a língua da medicina. Oferecer cursos de clássicos (literários) japoneses e estudos de holandês tornou Yorokan uma escola feudal destacada das outras, porque a tendência naquele tempo era de enfatizar os estudos confucionistas com a exclusão do resto. O homem responsável por instituir esse tipo de currículo progressista em antecipação à nova Era foi Kamei Koremi, o senhor feudal de Tsuwano. Kamei, que acreditava na educação especial para os que eram intelectualmente talentosos, enviava anualmente alguns estudantes proeminentes para a escola feudal de Tóquio para que pudessem ser educados como os líderes da nova Era.”

estadia no país; ao final da viagem relatou também as suas despedidas das cidades e principalmente do povo berlinense. Mas nem mesmo em seus registros de viagem ele abordava algo mais profundo concernente à sua vida privada, sempre se escondendo atrás de uma máscara, o que era, para alguns, a sua grande técnica:

"Ogai rarely disclosed in his writing details of his private life or his feelings. He habitually wrote a mask, revealing to his readers only as much of himself as he deemed appropriate. The mask made him seen austere, even unapproachable, but to his admirers Ogai's mask, like a *No* mask, was a thing of beauty in itself, a dignified, noble abstraction of the man."¹⁵
(KEENE, Donald. 1998. p. 359)

Sendo instruído desde cedo nas filosofias japonesas e chinesas, o interesse pelo estudo da cultura ocidental veio naturalmente ao escritor, que tão logo chegou na Europa e já iniciou a sua própria biblioteca com importantes livros da literatura alemã e traduções para este idioma. De acordo com seu diário, Ogai disse que durante as noites lia até a exaustão os poetas alemães, e em julho de 1885, sua biblioteca já contava com 170 títulos de livros ocidentais (OGAI. Julho; 1885.) Sobre sua carreira como médico, Ogai estudou nos laboratórios de Robert Koch (1843-1910) e Max von Pettenkofer (1818-1901), os fundadores da bacteriologia e higiene moderna; eles representavam o que havia de mais moderno no mundo da medicina durante aquela época (KATO, Shuichi. 1997. p. 261).

Quando esteve em Munique, Ogai travou uma série acalorada de debates com o geologista alemão Edmund Naumann (1854-1927). O alemão, que passara dez anos morando no Japão, atacava o país por, dizia ele, ser atrasado, pobre, sujo, empestado por doenças indígenas e costumes bárbaros. O próprio Ogai, ao voltar ao seu país de origem, criticou as competências médicas que ainda existiam no seu país e que eram embasadas na medicina chinesa, que era atrasada, e não na europeia, e até foi “exilado” em Kyushu aos trinta e sete anos de idade, por conta da sua posição insistente em relação à modernização imediata da

15 “Ogai raramente revelava em sua escrita os detalhes de sua vida privada ou de seus sentimentos. Ele habitualmente usava uma máscara, revelando aos seus leitores apenas o quanto julgava ser apropriado. A máscara fazia com que ele fosse visto como austero, até inacessível, mas para os seus admiradores a máscara de Ogai, como uma máscara do *teatro No*, era algo com uma agradabilidade em si mesma, uma digna e nobre abstração do homem.”

higiene (DILWORTH; RIMER. 1991). Porém, no debate contra o geologista, que acontecia por vias escritas no *Allgemeine Zeitung*¹⁶, defendeu veemente o seu país, como afirma Kato:

"It was relatively easy for Ogai to disprove factually the charge of Japan's backwardness but the other two points were considerably more complicated, especially for a young man who was at that time dedicating himself to the study of western science and culture. To resolve these problems satisfactorily he would have had to reassess Japanese culture in the context of world culture."¹⁷ (KATO, Shuichi. 1997. p 262)

O escritor foi considerado o perdedor do debate por ter se desviado do ponto principal durante sua retórica, mas ele pôde entender perfeitamente o ponto central dos argumentos do geologista. De fato havia uma necessidade de redescoberta, no Japão, e Ogai sentia-se como um responsável pelo desenvolvimento cultural do país, sendo ele um dos seus mais proeminentes estudantes. Ele foi paradoxalmente um ocidentalizador e um conservador: defendia a tradição literária japonesa com pequenas reformas estilísticas sob o seu domínio, a fim de acompanhar as predominâncias internacionais, mas era, em relação às práticas medicinais, um "ocidentalizador".

Na Alemanha viveu também um romance parcialmente biográfico. O seu conto romântico, *Maihime*, contém as características de um personagem e de um contexto espaço-temporal relativos às suas próprias vivências na Europa. A narrativa literária foi, talvez, levemente modificada em relação à sua própria biografia, mas os aspectos românticos da obra, a veracidade do amor entre os protagonistas e as percepções estéticas são, pelo menos, semelhantes aos acontecimentos da vida real, como sugere a professora e tradutora Karen Brazell:

"Maihime is at least partially autobiographical. The day he returned to Japan in August 1888, Ogai told his father of an affair he had had in Germany, and on 24 September his German girl friend Elise arrived in Yokohama. Members of the Mori family talked with her—Ogai may have seen her once himself, but this is not clear—and convinced her to return to Germany. She departed on 17 October. The affair between the Japanese student Ota

16 Jornal alemão de circulação nacional. Sua primeira publicação foi em 1850 e desde então está atuante no país.

17 "Era relativamente fácil para Ogai refutar factualmente a acusação de o Japão ser um país atrasado, mas os outros dois pontos eram consideravelmente mais complicados, especialmente para um jovem que na época se dedicava ao estudo da ciência e cultura ocidental. Para resolver esses problemas satisfatoriamente, ele teria que reavaliar a cultura japonesa no contexto da cultura mundial."

Toyotaro and the dancer Elise in the story *Maihime* ends quite differently: Elise is pregnant and insane when the anguished Toyotaro departs for Japan. This ending is obviously fiction, but the affair itself and many of the details of the story were probably drawn from Ogai's actual experiences from Germany. The extant version of *Doitsu Nikki* offers little evidence to substantiate this supposition, although the very fact that Ogai rewrote this diary suggests self-censorship."¹⁸ (1971. p. 98)

Estilo

As técnicas literárias desenvolvidas pelo escritor constituem um estilo de escrita conhecido como ficção histórica (*shiden*)¹⁹. Um dos mais famosos de seus princípios artísticos é o de escolher incidentes reais sobre os quais narrará em suas histórias: a maioria destes incidentes lidam com eventos históricos específicos, com alguma documentação existente acerca deles. Mesmo o mais ficcional dos contos de Mori Ogai deriva de relatos palpáveis da vida real. As composições artísticas mais populares, como o Kabuki²⁰, tentam recriar precisamente episódios históricos e influentes do passado. Já Ogai, ao contrário, escolhe personagens obscuros e esquecidos pelo tempo; pessoas comuns, no melhor sentido do termo, que ganham forma e atenção destacadas quando retratadas por ele. O período histórico de suas obras também é o mais comum possível para que os personagens se atenuem em detrimento dos eventos da época.

Outro princípio artístico é o de estar sempre próximo do leitor: Em *Maihime*, por exemplo, vemos o homem Ogai através do viés biográfico, mas o narrador Ogai está sempre presente, também, fazendo comentários sobre as situações, especulando os motivos das ações e moldando de forma geral a narrativa bem aos olhos do leitor.

18 “*Maihime* é, pelo menos, parcialmente autobiográfico. No dia em que ele retornou do Japão, em Agosto de 1888, Ogai contou ao seu pai sobre um caso que ele tivera na Alemanha, e no dia 24 de Setembro sua namorada alemã Elise chegou em Yokohama. Membros da família Mori conversaram com ela —Ogai deve ter visto ela pessoalmente uma vez, mas isso não é claro— e a convenceram a retornar para a Alemanha. Ela partiu no dia 17 de Outubro. O caso entre o estudante japonês Ota Toyotaro e a bailarina Elise, na história *Maihime*, termina de forma bem diferente: Elise está grávida e insana enquanto o angustiado Toyotaro parte para o Japão. Esse final é obviamente ficção, mas o caso em si e muitos dos detalhes da história foram provavelmente extraídos das experiências reais de Ogai na Alemanha. A versão existente do *Doitsu Nikki* oferece poucas evidências para substanciar essa suposição, embora o próprio fato de Ogai ter reescrito esse diário sugere autocensura.”

19 *Shiden* é uma espécie de “catálogo de vidas ‘colaterais’, de grupos, redes sociais, círculos sobrepostos e filiações”. (SNYDER, 1993)

20 Cabúqui ou Kabuki (歌舞伎) é a forma de teatro japonês conhecida pela estilização do drama e pela elaborada maquiagem utilizada pelos seus atores.

"Some of the reasons for the technique, of course, are inherent in the speculative, contemplative nature of works Ogai wished to create. Intellectual awareness requires objectivity, and aesthetic distance permits the reader to contemplate what he has read and generalize from it. Ogai wants more than a personal, emotional response."²¹
(DILWORTH; RIMER. 1997. p.10)

Um diferencial de seu estilo é o método abordado para contar as histórias: ao contrário dos seus predecessores ele preferiu narrar suas histórias através da linguagem falada pelas pessoas, comum, e não com palavras “esquecidas” ou utilizadas somente no contexto artístico, rebuscadas, que especialmente no Japão podem trazer o reconhecimento ao escritor unicamente pelo garbo artístico.

21 “Uma das razões para a técnica, decerto, é inerente à natureza especulativa, contemplativa, das obras que Ogai queria criar. A consciência intelectual requer objetividade, e a distância estética permite ao leitor a contemplação do que ele leu, e generaliza a partir disso. Ogai quer mais do que uma resposta pessoal e emocional.”

CAPÍTULO III: MAIHIME “A BAILARINA”

O conto, narrado em primeira pessoa, inicia-se com Ota Toyotaro, o narrador, explicando o contexto sob o qual escreveu a história. Podemos tomar muito, senão tudo, do que é dito no conto, como verdadeiro, pois o estilo de Mori Ogai revela sempre aspecto realista. Nas primeiras páginas podemos analisar a forma descritiva de como ele relata o seu primeiro contato com os berlinenses, pois o conto retrata a época em que ele esteve na Alemanha; a notável diferença entre os costumes japoneses e europeus contribuiu para tamanha riqueza de percepções encontrada na prosa. O narrador deixa sempre claro as expectativas que recaem sobre ele por ser um dos mais importantes dos alunos de seu país, e por isso não é cerimonioso ao relatar os seus dotes intelectuais: ele explicita a sua capacidade de falar alemão e francês, os elogios e as honrarias que recebeu nas faculdades por onde estudou; fala ainda da virtuosidade de sua escrita nos jornais locais e de seu gosto refinado pela alta cultura. Quem lê a obra sem o devido conhecimento biográfico do autor pode sentir uma certa preponderância de sua parte ou arrogância, mas todo o enaltecimento serve como contraponto da crise de identidade experienciada por ele na história.

Em certa altura, já habituado com a cidade, Ota se apaixona por uma mulher alemã de seus dezessete anos, Elise, uma moça pobre e prestes a entrar na vida de meretrício, e a história é desenvolvida conforme os laços de paixão entre a moça e o narrador vão progredindo. O mecanismo do romântico, que orienta a história, será explicitado no próximo capítulo: lá serão apresentados os aspectos do romantismo quais regem o gênero da obra aqui sintetizada.

Estética Romântica

Apesar das sutis particularidades nas formas de se fazer o romantismo entre os países, havia o consenso claro de que a primazia estética era de fundamental importância para todos: Enquanto o iluminismo acreditava na soberania da razão, os românticos acreditavam na soberania da arte, esta que, para eles, andava em conjunto com a estética, embasando-se em teorias kantianas:

"This rational but non-cognitive nature of feeling, in general, and of aesthetic feeling, in particular, is perhaps the central feature that renders aesthetic feeling an attractive ingredient in addressing the epistemic and metaphysical concerns that occupied the romantics."
(GORODEISKY, Keren, 2016. 3.2)²²

Para o fazer de uma análise pragmática serão selecionadas algumas das mais preponderantes características estéticas do estilo romântico para que as relacionemos com o texto. São elas: exaltação da natureza, interesse na vida bucólica, celebração da vida simples e do passado, linguagem comum, idealização da musa feminina, o uso frequente da figura da personificação e assuntos simples que são elevados a um alto grau de espiritualidade. O romântico nem sempre se preocupa em retratar o amor romântico, e suas histórias se concentram, em geral, na esfera das coisas não compreendidas por completo pela ciência e pelo mundo material, como as forças metafísicas e a atuação da psicologia no pensamento humano.

Os precursores do romantismo foram os adeptos do movimento alemão de nome Sturm Und Drang (Tempestade e Impeto), este que foi de reação ao racionalismo excessivo do iluminismo, que percebia a natureza como um mero objeto sem vida que poderia ser moldado ao gosto do homem. A exaltação das belezas naturais, da harmonia e da forma, naturais ao

22 “Essa racional mas não cognitiva natureza do sentimento, em geral, e do sentimento estético em particular, é talvez a característica central que torna o sentimento estético um ingrediente atrativo para abordar as preocupações epistêmicas e metafísicas com quais ocupavam-se os românticos.”

movimento, tornaram-se graças ao Sturm und Drang populares entre todas as classes sociais da Europa.

"In the poetic treatment of nature the romanticists manifested fondness for picturesque change and for infinite distance which stimulates longing and calls up memories. There was a predilection for the mysterious forest, solitude, stillness, for night which stimulates the imagination, for moonlight which fills man with longing, for clouds which journey afar like dreams, and for twilight which effaces sharp outlines and gives rise to vagueness of mood." ²³ (BLANKENAGEL, John C. 1940. Vol 55 N° 1. p.7)

As ambientações soturnas descritas frequentemente pelo narrador da história, que também fazem alusão ao seu próprio estado de espírito, são talvez as características românticas que aparecem com maior frequência em *A Bailarina*. Ota Toyotaro relata com exatidão a impressão que tivera quando deparou-se pela primeira vez com os monumentos de Berlim e a grandiosidade de um novo mundo com qual deparava-se. Uma situação que pode ser considerada comum era descrita com uma espiritualidade ímpar por ele, elevando o que é corriqueiro ao nível do sublime:

"De repente lá estava eu, no meio da mais moderna das capitais europeias. Meus olhos deslumbravam o brilho, minha mente estava ofuscada pelo tumulto de cores. [...] Mas se você pudesse ver o grupo de homens e mulheres passeando pelos pavimentos que delineiam cada lado desta grandiosa passagem-matriz. [...] Visível sob o céu límpido, entre as imponentes construções, estava a fonte em cascata com o som de chuva. Olhando à distância podia-se ver, também, a Coluna da Vitória. Ela parecia flutuar a meio caminho do céu, entre as verdes árvores do outro lado do portão de Brandemburgo. Toda esta miríade de pontos turísticos estava tão próxima que era meio desconcertante para um recém-chegado. Mas eu tinha prometido a mim mesmo que não ficaria impressionado com belezas tão cativantes."²⁴

Uma das características das obras de Mori Ogai é o aprofundamento psicológico do protagonista e a dúvida na escolha entre o amor e carreira profissional. Fica claro, ao se ler a obra, as transformações psicológicas vividas pelo personagem. O dilema do narrador e os seus

23 "No tratamento poético da natureza, os românticos manifestaram carinho pela mudança pitoresca e pela distância infinita que estimula a saudade e invoca lembranças. Neles havia a predileção pela floresta misteriosa, solidão, quietude, pela noite que estimula a imaginação, pelo luar que enche o homem de saudade, pelas nuvens que vagam como os sonhos e pelo crepúsculo que apaga os nítidos contornos e dá origem à vagueza das sensações."

24 *A Bailarina*. p. 2. Tradução livre.

impasses são fundamentais para as transformações no enredo, mas o crítico Ishibashi Ningetsu (1865-1926) faz alguns apontamentos sobre as escolhas tomadas pelo escritor durante a obra. As constatações do crítico revelam principalmente uma suposta falta de imponência da parte de Mori Ogai:

“Ishibashi evidenziò i seguenti punti: l'inopportunità di rappresentare un personaggio che tra l'ambizione e l'amore sceglie la prima possibilità; la contraddizione tra il carattere debole del protagonista e la scelta finale, che determina una scarsa omogeneità nello svolgimento della trama e allontana Maihime dal suo carattere di racconto "realistico"; l'inutilità del passo in cui viene riportata la vita di Ota Toyotaro prima dell'episodio principale; infine, la criticabile scelta del titolo dal momento che il nucleo del racconto è costi tuito dalla confessione del protagonista e non dalla presenza di Elise che è solo un personaggio di secondo piano, deludente perché rappresentata come stupida, quasi analfabeta e vulnerabile.”²⁵

As transformações psicológicas do protagonista, ou as “contradições”, como poderia dizer Ishibashi, são os motivos do relato de Ota Toyotaro enquanto volta para o Japão, na trama. O seu estado primário é o de estudante acanhado, até medroso: um dicionário ambulante para a mãe e a personificação das leis para o chefe do departamento. Ele sabia o peso de ser um dos mais brilhantes alunos de seu tempo e aceitava esse destino sem questionar as decisões de seus superiores. Mas ao se encontrar com Elise acaba sendo tomado por uma coragem inédita em seu espírito. A beleza da garota e os seus trejeitos angelicais fizeram com que Ota falasse com ela sem pestanejar; Quando o romance entre os dois foi instaurado ele negligenciou os estudos por estar apaixonado. Ota Toyotaro era um amante e Elise a sua musa. Por ser uma história com fundo biográfico, se a moça não foi a musa inspiradora de Ogai durante o período de amor dos dois, na Alemanha, foi a inspiração para que ele escrevesse este conto após ter voltado ao Japão.

Ota narra, também, a primeira transformação psicológica trazida pelo amor: Em consequência do mau rendimento acadêmico sua bolsa de estudos logo foi cortada e seu

25 “Ishibashi (Maihime. Kokuminnotomo. Fev 1890.) destacou os seguintes pontos: a inadequação de representar um personagem que, entre a ambição e o amor, escolhe a primeira possibilidade; a contradição entre o caráter fraco do protagonista e a escolha final, que determina uma falta de homogeneidade no desenvolvimento da trama e afasta Maihime do seu caráter de história” realista”; a inutilidade da passagem onde a vida de Ota Toyotaro é relatada, antes do episódio principal; e, finalmente, a escolha duvidosa do título pois o núcleo do conto é constituído pela confissão do protagonista e não pela presença de Elise que é apenas um personagem secundário, o que é decepcionante porque ela é apresentada como burra, semianalfabeta e vulnerável.” (MASTRANGELO, Matilde. 1998. p 147)

relacionamento com o chefe do departamento se tornou áspero. Além de tudo, sua mãe morreria. Era como se, em conjunto do amor, aparecesse também os infortúnios. Há outro mecanismo do romântico funcionando em sua obra: a idealização da figura feminina e os sentimentos exacerbados.

“Seus claros, dourados cabelos balançavam sobre o cachecol e seu vestido era impecavelmente limpo. Surpresa pelos meus passos, ela virou-se. Somente um poeta poderia fazer justiça a ela. Seus olhos eram de um azul preenchido com melancólica tristeza. Como foi que ela, com um olhar revolvido por cima do ombro, perfurou as defesas do meu coração?”²⁶

“Ela parecia tão bela pela janela onde eu costumava sentar durante todo o dia cercado pelos trabalhos de Schopenhauer e Schiller! A partir daquele dia o nosso relacionamento gradualmente se tornou profundo.”²⁷

Havia uma incongruência, volições na cerne do narrador que não podiam ser traçadas em caminho homogêneo. Ota desistiu da carreira de escritório para viver uma vida amena com a bailarina mas, o seu desejo de levar a relevância ao nome de sua família não tinha cessado, apenas estava guardado em um lugar profundo de sua cerne.

“Mas a montanha ainda era coberta com nuvens. Eu não sabia se eu a alcançaria, ou mesmo se eu conseguisse, se isso me traria satisfação. A vida era prazerosa mesmo no meio da pobreza e o amor de Elise era difícil de rejeitar.”²⁸

Ele recebeu uma carta repentina de seu amigo Aizawa, dizendo-lhe que estava em Berlim e havia arranjado um encontro imediato entre ele e o Conde. Esta seria provavelmente a última chance do narrador restituir o seu prestígio acadêmico após ter negligenciado os estudos. A insegurança e o receio o dominaram e ele foi ao encontro do Conde, mas disse para Elise que iria em respeito ao seu amigo Aizawa. A partir deste momento os encontros com o Conde tornaram-se frequentes, e há a partir daqui um mecanismo sutil, uma subversão inconsciente no pensamento de Ota Toyotaro, com um viés até mefistofélico, um desejo de glória que não poderia existir em conjunto com o seu amor, um problema decorrente de questões sociais (primeiro porque vinham de culturas diferentes e possuíam instruções diversificadas; Elise era de uma família simples e Toyotaro era de família instruída. Segundo

26 Ibid. p. 5.

27 Ibid. p. 7.

28 Ibid. p. 12.

que a família dele não aceitaria o romance com uma estrangeira e de fato não aceitaram quando, na história real, Elise viajou até o Japão para ver Mori Ogai mas sua família a dispensou). Era visível que Ogai começava a arrepender-se de ter escolhido o amor, mas sua posição era ainda mais delicada, pois, para atenuar a situação, descobriu que Elise estava grávida. Independentemente do que escolhesse fazer ele tinha certeza que estava perante um dilema humano, e independentemente do que escolhesse fazer, suas estruturas psicológicas seriam abaladas de alguma forma. Aumentando suas relações com o Conde e com Aizawa recebeu oferta para ser o tradutor e intérprete pessoal do Conde. Aceitando tal cargo o nome de sua família receberia certo prestígio, mas teria de voltar ao Japão com ele e com os outros homens do governo. Neste ponto da história o narrador exaltava a melancolia da natureza dos lugares por onde passava ao voltar para casa: desde as estradas, o banco, o jogo de luzes, a neve, a data daquele dia em especial, tudo é narrado com um sentimento saudosista que pode ser percebido pelo leitor, uma lamentação de quem escreve e narra após assimilar cuidadosamente todos os fatos.

“O que eu diria para Elise quando retornasse?[...] Eu vaguei por aí, imerso em pensamentos, sem me importar aonde estava indo. Por vezes eu era xingado por um cocheiro que desviava a rota por minha causa e eu pulava para trás, assustado. Eu desabei em um banco ao lado da estrada. [...] Por quanto tempo eu fiquei jogado lá como um cadáver? O terrível frio rastejando na carne de meus ossos acordou-me. Já era noite, novamente, e a neve que caía, densa, fez um montinho em meus ombros e na ponta de meu chapéu. Deveria ser quase onze. Mesmo as ferraduras dos cavalos das carruagens, entre Moabit e Karlstrasse, estavam enterradas sob a neve e as lamparinas ao redor do portão de Brandemburgo exalavam uma luz sombria. [...]Era início de Janeiro e os bares e as casas de chá da Unter den Linden deveriam estar cheias, mas eu não me lembro de nada disso. Eu estava obcecado pelo pensamento de que eu tinha cometido um crime imperdoável. No quarto andar, no sótão, Elise evidentemente não tinha dormido ainda, em vista do feixe de luz brilhando lá em contraste com o escuro céu. Os flocos de neve que caíam pareciam mais como um grupo de passarinhos brancos, e a luz aparecia e desaparecia como se fosse um brinquedo do vento.”²⁹

Ao final da trama temos o impacto emotivo sofrido por Elise ao lidar com o fato de que Ota retornaria à sua pátria, mesmo ela estando grávida. Parece haver um certo

29 Ibid. p. 17.

obscurantismo no efeito da prosa ao fim do texto, um efeito profundo na psique dos personagens em decorrência das escolhas do protagonista: A garota é acometida por uma intensa paranoia e se torna louca. A única coisa que a mantém calma são as fraldinhas costuradas por ela própria para o seu filho que logo nasceria. Sua pele se torna pálida como a de um cadáver e suas ações foram mentalmente debilitadas pelo choque da escolha do narrador, que preferiu a carreira ao amor, mesmo depois de ter engravidado Elise. Ota Toyotaro sabe o quão sombria foi a sua escolha e as marcas psicológicas e mal resolvidas deixadas naquela debilitada, delicada, bailarina alemã. Ao que tudo indica o seu relato foi escrito sob profunda angústia e no momento em que relatava, dentro da trama, em um cenário de retorno à terra natal, de restituição das boas relações com sua carreira medicinal e a retomada da glória ao voltar ao país de origem, sob este paradigma, suas escolhas parecem ter um quê de amargas.

Vemos em diversos pontos do texto a influência europeia em Mori Ogai, desde o estilo romântico, profundamente psicológico e exaltando as percepções da natureza que o circundava, até mesmo a citação de algumas de suas influências, como Schopenhauer e Schiller. Há também a possibilidade de Giacomo Puccini (1858-1924), importante compositor italiano, ter inspirado-se em A Bailarina para escrever a sua ópera *Madama Butterfly* (1903), devido à semelhança de contexto.

Um outro tema recorrente na história e que acaba entrando no Japão com intensidade, em sua modernização, é relativo ao sistema. Naquela época já se havia esta necessidade governamental vista hoje em dia de ter os seus cidadãos seguindo uma determinada conduta trabalhista para o benefício de seu futuro e, conseqüentemente, para o benefício do país. Em Mori Ogai e no protagonista de sua história vemos isso com mais intensidade pois, na qualidade de ser um aluno ímpar em seu país, as pessoas já esperavam muito dele em relação ao futuro profissional, esperavam que ele se adequasse em benefício do sistema e dele próprio. O narrador de A Bailarina decide rescindir com o estilo de vida burocrático, dos escritórios, e passa a ganhar dinheiro na carreira de escritor quase independente. Apesar de uma vida simples, sem status ou luxo, ele era feliz com Elise, rompendo com todas as expectativas que os outros possuíam sobre si ele parecia viver mais leve e, de certa forma, mais livre, sem o fardo de ter de estar sempre ascendendo profissionalmente. Mas o futuro incerto e, conseqüentemente, o medo que abatia-lhe fez com que ele caísse invariavelmente

no sistema, novamente, e tomou a infeliz decisão de deixar para trás o seu filho e Elise para se adequar novamente no status quo governamental, que supostamente traria segurança e glórias ao nome de sua família. Ter de fazer esta decisão certamente perturbou a sanidade de Ota Toyotaro, e as profundas narrações psicológicas da trama sugerem isso com facilidade.

"Ela gritava pelo meu nome, abusava do meu corpo, cortava seu cabelo e mordía o cobertor. Então, abruptamente, pareceu lembrar de algo e começou a contemplar aquilo. Tudo que sua mãe dava-lhe ela arremessava, exceto as fraldinhas que estavam sobre a mesa. Essas ela encarava por um momento, então as pressionava no rosto e derramava-se em lágrimas. [...] Quão frequente eu não agarrava o seu vivo cadáver sobre meus braços e derramava lágrimas de pesar? Quando eu saí com o Conde para a viagem de volta ao Japão, discuti o assunto com o Aizawa e dei à mãe dela o suficiente para manter uma existência mísera; eu também deixei dinheiro para pagar o nascimento do bebê que eu deixei no ventre da pobre e enlouquecida garota. Amigos como Kenkichi Aizawa são, de fato, raros, e desde esse acontecimento existe uma parte de mim que amaldiçoa-lhe."³⁰

30 Ibid. p. 18.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho conseguimos abordar as estruturas gerais do movimento romântico no Japão e suas influências, sendo Mori Ogai o principal representante desta vertente em seu país. Analisamos com certa minúcia os principais pontos de sua biografia e, claro, especialmente de sua vida na Alemanha e o contato inicial com os escritores do romantismo. Também analisamos a natureza do conto *A Bailarina* e suas particularidades condizentes com a estética europeia, relacionando esta estética com trechos pertinentes da obra a fim de destacar a sua qualidade romântica. Espera-se deste trabalho uma propulsão inicial para o desenvolvimento do interesse na obra deste escritor e de futuras pesquisas relativas às suas composições literárias; sendo ele de fundamental importância para a arte japonesa e um dos mais famosos escritores do oriente no século XIX não podemos esquecer o seu legado como intelectual. Foi abordado o primeiro de seus trabalhos artísticos e também foi feita uma tradução deste, que se encontra no apêndice deste trabalho.

A fama de Mori Ogai deveria ser mais divulgada no Brasil. Assim como seus romances. Foi um descendente de samurais que saiu do seu feudo para fazer colaborações de alto nível ao desenvolvimento literário de um Japão que entrava na era moderna. O escritor que, por meio das suas ficções históricas, reviveu a história de importantes figuras do período Tokugawa.

Pela sua virtuosidade literária este trabalho é dedicado ao Tenente-General e Artista Mori Rintaro.
Ou: Mori Ogai.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BLANKENAGEL, John C. *The Dominant Characteristics of German Romanticism*. PMLA, vol. 55, no. 1, 1940, pp. 1–10. JSTOR, disponível em <www.jstor.org/stable/458420>.
2. DILWORTH, David; RIMER, Thomas J. *Saiki Koi and Other Stories*. The Significance of Ogai's Historical Literature. Havaí: v. 2, University of Hawaii Press, 1977.
3. DILWORTH, David; RIMER, Thomas J. *The History Fiction of Mori Ogai*. The Historical Literature of Mori Ogai: An Introduction. Havaí: University of Hawaii Press, 1991.
4. GORODEISKY, Keren. *19th Century Romantic Aesthetics*. The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Fall 2016 Edition). Disponível em <<https://plato.stanford.edu/archives/fall2016/entries/aesthetics-19th-romantic/>>.
5. KAREN, Brazell. *Mori Ogai in Germany. A Translation of Fumizukai and Excerpts from Doitsu Nikki*. Monumenta Nipponica, vol. 26, no. 1/2, 1971, pp. 77–100. , JSTOR, disponível em <www.jstor.org/stable/2383608>.
6. KATO, Shuichi. Trad. Don Sanderson. *A History of Japanese Literature*. The Age of Meiji. Londres: Curzon Press Ltd, 1997.
7. KEENE, Donald. *Dawn to the West*. Kitamura Tokoku and Romanticism. Nova Iorque: Henry Holt & Co, 1984.
8. MARCUS, Marvin. *Paragons of the Ordinary: The Biographical Literature of Mori Ogai*. Havaí: University of Hawaii Press, 1993.
9. MASTRANGELO, Matilde. *Maihime di mori ōgai: L'evoluzione dell'approccio Critico*. Il Giappone, vol. 38, 1998, pp. 141–157. JSTOR, disponível em <www.jstor.org/stable/20753039>.
10. MORITA, James R. *World Literature Today*. *World Literature Today*, vol. 54, no. 3, 1980, pp. 490–491. JSTOR, disponível em <www.jstor.org/stable/40135291>.
11. MURAKAMI, Takayuki. *Lovers in Disguise: A Feature of Romantic Love in Meiji Literature*. Comparative Literature Studies, vol. 28, no. 3, 1991, pp. 213–233. JSTOR, disponível em <www.jstor.org/stable/40246789>.
12. RIMER, Thomas J. *Youth and Other Stories*. First Experiments: 1890-1891. Havaí: University of Hawaii Press, 1994.

APÊNDICE

Maihime

A Bailarina

Eles terminaram de carregar o carvão e as mesas aqui no salão secundário ficaram em silêncio. Mesmo o intenso brilho das luzes elétricas parecia desperdiçado; o grupo de jogadores de carta que sempre reúne-se aqui, de noite, está em um hotel e eu fiquei sozinho, na mesa. Agora faz cinco anos desde quando as expectativas que cultivei por tanto tempo foram realizadas e recebi ordens para ir à Europa. Quando cheguei aqui no porto de Saigon fui atingido por estranhezas de todos os tipos. Pergunto-me quantas milhares de palavras escrevi, registrando fervorosamente pensamentos aleatórios no meu diário de viagem. Elas até foram publicadas num jornal, naquele tempo, e também foram fortemente elogiadas, mas agora eu estremeço ao pensar em como as pessoas sensíveis devem ter reagido às minhas ideias infantis e minha retórica presunçosa. Até mesmo recorde, como se fossem raridades, dos detalhes das habituais fauna e flora, da geologia e dos costumes locais. Agora, no caminho para casa, os cadernos que comprei com a intenção de usar como diários permanecem intocados. Será que enquanto estudava na Alemanha desenvolvi uma espécie de atitude *nil admirari*? Não. Há um outro motivo.

Voltando ao Japão, me sinto uma pessoa muito diferente de quem eu era. Não apenas sinto-me insatisfeito com os meus estudos, mas eu também aprendi o quão triste esta vida efêmera pode ser. Agora eu estou consciente da falibilidade das emoções humanas, mas em particular percebi o coração inconstante que tenho. Talvez por isso o meu diário não possui sequer um escrito. Não; há um outro motivo.

Vinte ou mais dias passaram-se desde que nós saímos de Brindisi. Geralmente é costume marítimo jogar conversa fora mesmo que na companhia de totais estranhos, mas recolhi-me em minha cabine sob o pretexto de sentir-me um pouco indisposto. Raramente falei com meu companheiro de viagem, pelo qual sinto um grande remorso...

Primeiramente este remorso era um mero punhado de nuvem que direcionou-se contra meu coração, escondendo de minhas emoções o cenário montanhoso da Suíça e movendo os meus interesses às ruínas antigas da Itália. Então gradualmente tornei-me cansado da vida e cansado de mim mesmo, e sofri a mais comovente das angústias. Hoje em dia o remorso estabeleceu-se nas

profundidades de meu coração. E minha dor ainda foi renovada com tudo que li e vi, evocando sentimentos de nostalgia extrema, como uma forma refletida no espelho ou o eco de uma voz.

Como eu posso me livrar de tal pesar? Se ele fosse de um tipo comum eu poderia, talvez, suavizar meus sentimentos expressando-os pela poesia, mas está tão profundamente marcado em meu coração que eu receio que isso seja impossível. No entanto, como não há ninguém aqui esta noite e como demorará um tempo até que o homem da cabine desligue as luzes, tentarei relatar aqui os pontos principais de minha história.

Graças a uma educação muito severa que tive desde a infância nunca faltou nada em minha instrução, apesar do fato de ter perdido o meu pai muito cedo. Quando estudei na escola, no meu antigo feudo, e no curso preparatório para a universidade em Tóquio, e depois na faculdade de direito, o nome Ota Toyotaro sempre esteve no topo da lista. Portanto, sem dúvidas, eu trouxe algum conforto para a minha mãe, que achou em mim, seu único filho, a força para continuar vivendo. Aos dezenove anos eu recebi o meu diploma e fui enaltecido por ter conquistado a maior honraria que um estudante jamais tivera desde a fundação da universidade. Eu juntei-me ao departamento do governo e passei três agradáveis anos em Tóquio com a minha mãe. Sendo eu particularmente estimado pelo chefe do departamento, tive ordens de ir à Europa a fim de estudar assuntos concernentes à minha área em particular. Agitado pelo pensamento de que agora teria a oportunidade de engrandecer o nome da minha família e ainda poderia aumentar a nossa fortuna, não fiquei com pena de deixar nem mesmo minha mãe para trás, apesar de ela estar com cerca de cinquenta anos de idade. Foi assim que deixei o meu lar para trás e cheguei em Berlim.

Eu tive a vã esperança de realizar grandes feitos e costumava trabalhar arduamente sob pressão. De repente lá estava eu, no meio da mais moderna das capitais europeias. Meus olhos deslumbravam o brilho, minha mente estava ofuscada pelo tumulto de cores. Se você pudesse ver o grupo de homens e mulheres passeando pelos pavimentos que delineiam cada lado desta grandiosa passagem-matriz... Ainda eram os dias em que Guilherme I podia ir à janela para contemplar sua capital. Os altos oficiais, de ombros largos, em seus uniformes coloridos, e as garotas atrativas com seus cabelos em estilo parisiense, eram sempre um deleite para o olhar. Carruagens andavam silenciosamente pelas estradas de asfalto. Visível sob o céu límpido, entre as imponentes construções, estava a fonte em cascata com o som de chuva. Olhando à distância podia-se ver, também, a Coluna da Vitória. Ela parecia flutuar a meio caminho do céu, entre as verdes árvores do outro lado do portão de Brandemburgo. Toda esta miríade de pontos turísticos estava tão próxima que era meio desconcertante para um recém-chegado. Mas prometi a mim mesmo que não ficaria impressionando-me com essas belezas tão cativantes. Os oficiais prussos estavam felizes em me receber quando puxei a corda do sino, pedindo por uma entrevista e entregando minha carta de recomendação, explicando para eles os

motivos da minha vinda. Eles prometeram me explicar qualquer coisa que eu quisesse saber depois que a aplicação fosse recebida pela Legação. Fui afortunado o suficiente para ter aprendido tanto o francês quanto o alemão em casa, e logo quando fui recebido perguntaram onde e quando eu tinha aprendido a falar o alemão tão bem.

Recebi a permissão oficial para entrar na Universidade de Berlim, então me inscrevi para estudar política sempre que as minhas obrigações me permitissem. Depois de um ou dois meses, quando as preliminares oficiais tinham sido realizadas e minhas investigações estavam fazendo bons progressos, eu enviei um relatório sobre os assuntos mais importantes, e o resto anotei em uma série de cadernos. No que diz respeito às competências da faculdade não havia chance de prover cursos especiais para “aspirantes” a políticos, como eu inocentemente esperava. Fiquei irresoluto por um tempo, mas depois, frequentando duas ou três palestras de direito, eu paguei a taxa e frequentei as aulas.

Bons três anos passaram-se como um sonho. Mas há sempre um tempo em que, independentemente de qualquer coisa, a natureza verdadeira se revela. Obedeci as palavras que meu pai disse antes de morrer e fiz o que minha mãe ensinara-me. No início estudei prazerosamente, orgulhoso de ouvir eles me considerarem um prodígio infantil, e depois eu trabalhei incessantemente, satisfeito pelo chefe do meu departamento estar me elogiando pelo trabalho. Mas durante todo esse tempo fui um mero ser passivo, mecânico, com nenhuma consciência própria. Agora, contudo, com vinte e cinco anos, talvez por ter sido exposto ao modo liberal da faculdade por certo tempo, cresceu em mim um tipo de inquietação; é como se o meu verdadeiro “eu”, que estivera dormindo todo este tempo, estivesse gradualmente aparecendo à tona, ameaçando o meu antigo “eu”. Percebi que não poderei ser feliz nem como um político de alto escalão nem como um advogado recitando de coração as leis e pronunciando sentenças.

Minha mãe estava tentando tornar-me um dicionário ambulante, e o chefe do meu departamento queria tornar-me a personificação das leis. Eu consigo entender os motivos da minha mãe, mas os desejos do meu chefe estavam fora de questão. Desde então o respondia com um cuidado escrupuloso mesmo em questões bastante insignificantes, mas daquele tempo em diante sempre argumentei em meus relatórios que ninguém deveria se incomodar com detalhes mesquinhos da lei. Uma vez que a pessoa compreendia o espírito da lei, tudo poderia ser resolvido por conta própria. Na universidade abandonei as palestras de direito e me tornei mais interessado em história e literatura; gradualmente me locomovi para o mundo das artes.

Meu chefe tinha obviamente tentado tornar-me uma máquina que poderia ser manipulada da maneira como ele desejasse. Eu estava em uma situação precária. Se isso fosse tudo, porém, não seria o suficiente para enfraquecer o meu status. Mas dentre os estudantes de Berlim daquele tempo havia

um grupo influente com o qual eu não ousava trocar olhares. Eles suspeitavam de mim, primeiramente, e então começaram a difamar-me.

Atribuo o fato de me invejarem e me ridicularizarem à razão de que eu não bebia e nem jogava sinuca com eles, era um mecanismo meu de comedimento. Eles não me conheciam, mas como pode qualquer outra pessoa saber a razão do meu comportamento quando eu mesmo não sabia? Eu me sentia tão inseguro como uma garotinha. Desde minha juventude eu segui o conselho dos mais experientes e me mantive no caminho do aprendizado e da obediência. Se tivesse prosperado na Alemanha não seria por causa da minha coragem. Eu poderia até ser capaz de estudar arduamente, mas tinha enganado não só a mim mesmo mas os outros também. Simplesmente segui um caminho qual fui feito para seguir. O porquê das questões externas não me atrapalharem não era porque eu tinha a coragem para rejeitar ou ignorá-las, mas sim porque estava com medo e por isso amarrei meus pés e mãos. Antes de sair de casa estava convencido de que era um homem talentoso. Eu acreditava veemente na minha capacidade de persistência. Sentia-me quase como um herói até o navio sair de Yokohama. A partir daí não era raro eu me pegar chorando descontroladamente. Achei estranho naquele tempo, mas isso era a minha verdadeira natureza sendo mostrada. Talvez eu seja assim desde que nasci, ou talvez isso tenha vindo pelo fato do meu pai ter morrido e então ter sido criado somente pela minha mãe.

Era de se esperar a mediocridade dos estudantes, mas foi estúpido da parte deles ter inveja de uma mente tão fraca e vergonhosa como a minha....

Costumava ver uma mulher sentada nas cafeterias solicitando atendimento; suas faces eram intensamente maquiadas e suas roupas eram sempre extravagantes. Mas nunca tive a coragem de me aproximar dela. Nem tive a ousadia de me juntar com aqueles homens citadinos, com seus garbosos chapéus e pincenês, com aquele sotaque aristocrata, anasalado, tão típico dos prussos. Não tendo coração para tais coisas achei que não poderia me misturar nem com meus compatriotas, e por conta desta barreira entre nós, tinham rancor de mim. Então começaram a contar histórias, e assim fui acusado de crimes que não cometi e tive que aguentar tamanha desagradabilidade em tão pouco tempo.

Uma noite eu perambulava pelo Tiergarten e então desci ao Unter den Liden. No caminho de volta ao meu alojamento, na Monbijoustrasse, me encontrei de frente a uma velha igreja, na Klosterstrasse. Pergunto-me quantas vezes passei pelo mar de luzes, adentrei a paisagem tenebrosa e parei desconcertado admirando aquela igreja de trezentos anos de idade que fica um pouco recuada da estrada. Do outro lado ficava algumas casinhas com roupas estendidas sobre os telhados, secando, e havia também um bar onde um velho judeu com longas costeletas ficava à toa perto da porta.

Justo quando eu passava percebi uma jovem garota soluçando contra a porta fechada da igreja. Ela deveria ter seus dezesseis ou dezessete anos. Seus claros, dourados cabelos balançavam sobre o cachecol e seu vestido era impecavelmente limpo. Surpresa pelos meus passos, virou-se. Somente um poeta poderia fazer justiça a ela. Seus olhos eram de um azul preenchido com melancólica tristeza. Eles eram sombreados por longas pupilas que quase disfarçavam seu choro. Como foi que ela, com um olhar revolvido por cima do ombro, perfurou as defesas do meu coração?

Talvez isso se deu por conta do profundo lamento que exalava pelas lágrimas. O covarde em mim foi superado pela compaixão e simpatia, e sem pensar demais fui até o seu lado.

“Por que você está chorando?” Perguntei.

“Talvez por eu ser estrangeiro eu possa te ajudar melhor.” Eu estava espantado pela minha audácia.

Assustada, ela encarou a minha face amarelada, mas deve ter visto a sinceridade em minha expressão.

“Você parece ser um tipo de pessoa gentil” Ela soluçou.

“Não cruel como ele ou minha mãe!”

Suas lágrimas pararam por um momento, mas agora elas transbordavam pelas suas amáveis bochechas.

“Ajude-me! Você precisa me ajudar a não perder todo o senso de vergonha. Minha mãe me bateu porque eu não concordei com a sua proposta. Meu pai morreu há pouco e temos de cremá-lo amanhã. Mas nós não temos um centavo em casa”. Dissolveu-se em lágrimas novamente. Eu a olhei enquanto ela prendia o cabelo e tremia.

“Se eu tiver de te levar em casa você vai precisar se acalmar” .Eu disse.

“Não deixe as pessoas te ouvirem, nós estamos no meio da rua.”

Ela inadvertidamente repousou a sua cabeça em meu ombro enquanto falava. De repente ela olhou para cima, dando-me o mesmo olhar assustado de antes, e fugiu de mim, com vergonha.

Andou rapidamente e eu a segui. Do outro lado da rua da igreja havia um lance de velhos degraus de pedra, já gastos. Acima dos degraus, no terceiro piso, havia uma porta tão pequena que era necessário reclinar-se para entrar. A garota puxou o pedaço de arame farpado retorcido:

“Quem está aí?” Veio uma voz rouca do lado de dentro.

“A Elise, estou de volta.”

Ela mal terminara de falar quando a porta foi grosseiramente aberta por uma senhora. Apesar do seu cabelo estar bagunçado e sua testa claramente mostrar os traços da pobreza e do sofrimento, não tinha um rosto mau. Trajava um velho vestido de lã e algodão, e calçava uns chinelos imundos. Quando Elise apontou para mim e foi pra dentro, a senhora bateu a porta na minha cara.

Eu fiquei ali parado, ociosamente. Então, pela luz de uma lamparina, percebi um nome desenhado na porta, em laca: "Ernst Weigert", e embaixo, "alfaiate". Presumi que fosse o nome do pai falecido da garota. De dentro da casa ouvi vozes se intensificando como em uma discussão, e então tudo ficou quieto novamente. A porta foi reaberta, e a senhora, pedindo-me desculpas profusamente pelo comportamento tão impolido, convidou me a entrar.

A porta se abria pela cozinha. À direita havia uma janelinha com cortinas de linho impecavelmente limpas. À esquerda havia um fogão feito de tijolo e grosseiramente construído. A porta do cômodo à frente estava entreaberta e pude enxergar, lá dentro, uma cama coberta com lençol branco. O moribundo deveria estar lá. Ela abriu a porta próxima ao fogão e me levou até o sótão, que dava de frente com a rua e não tinha um teto de verdade. Os feixes dos cantos do “teto” estavam cobertos com papéis, e abaixo, onde havia espaço somente para se curvar, havia uma cama. Na mesa que ficava no meio do cômodo havia um belo pano de lã sobre o qual haviam dois livros empilhados, um álbum de fotos e um vaso com um ramo de flores. Elas pareciam de alguma forma muito caras em relação ao local. Em pé, tímida, ao lado da mesa, estava a garota.

Ela estava extremamente atraente. Com a influência da lamparina podia-se ver um suave rubor em seu rosto, e era difícil acreditar que a beleza esguia de suas mãos e pés proviam de uma família pobre. Ela esperou até a senhora sair e então falou. Ela tinha um sotaque peculiar.

“Foi impensado da minha parte te trazer até aqui. Desculpe-me, por favor, mas você parecia tão gentil. Você não vai me menosprezar, né? Suponho que você não conheça o Schaumberg, o homem que estamos confiando para o funeral de meu pai, amanhã. Ele é o dono do Viktoria-Theater. Eu trabalho para ele há dois anos, então achei que ele poderia nos ajudar. Mas ele se aproveitou de nosso

infortúnio e tentou me forçar a fazer o que ele queria... Você deve ajudar. Eu prometo te pagar de volta quando eu receber o meu humilde pagamento, mesmo que eu tenha que passar fome. Caso não seja possível, então minha mãe disse que...” Ela desabou em lágrimas, e tremia. Havia um irresistível apelo em seus olhos quando ela me olhava. Será que ela sabia o efeito que seus olhos causavam em mim ou isso não era intencional? Eu tinha dois ou três marcos de prata no bolso, mas aquilo provavelmente não seria o suficiente. Então eu retirei o meu relógio e o coloquei na mesa:

“Isso vai te ajudar com os tempos vindouros. Diga ao penhorista que se ele visitar o Ota na Monbijoustrasse número três, eu recomprarei.” A garota parecia assustada, porém grata. Quando levantei minhas mãos para despedir-me, ela as levou aos lábios e chorou sobre elas.

Ai de mim, que destino conduziu-a, outrora, até o meu alojamento apenas para agradecer-me? Ela parecia tão bela pela janela onde eu costumava sentar durante todo o dia cercado pelos trabalhos de Schopenhauer e Schiller! A partir daquele dia o nosso relacionamento gradualmente se tornou profundo. Quando meus compatriotas souberam, imediatamente assumiram que eu estava buscando prazeres na companhia de uma “bailarina”. Mas ainda não era nada mais que um caso insignificante.

Um de meus compatriotas—não direi o nome, mas ele era conhecido como “o travesso”—relatou ao chefe do meu departamento que eu estava frequentando teatros e procurando a companhia de atrizes. Meu superior ficou ofendido por eu negligenciar os meus estudos, então pediu à Legação para abolir o meu posto e terminar o meu intercâmbio. O chefe da Legação acatou o pedido, avisando que pagariam a passagem se eu retornasse para casa imediatamente, mas que eu não teria nenhum subsídio oficial se eu decidisse ficar. Pedi uma semana para pensar, e foi quando eu estava pensando o que faria quando recebi duas cartas que me conduziram ao sofrimento mais intenso que penso já ter sentido. Ambas foram enviadas quase ao mesmo tempo, mas uma foi escrita pela minha mãe e a outra por um amigo falando sobre a morte dela, a morte da mãe que foi tão estimada por mim. Eu não posso suportar repetir aqui o que foi escrito por ela. Lágrimas evitam-me de escrever mais...

O meu relacionamento com a Elise era na verdade mais inocente do que aparentava ser aos outros. O seu pai era pobre e sua educação foi muito debilitada. Aos quinze anos ela respondeu ao anúncio de um professor de dança e aprendeu esta arte de tão má reputação. Quando terminou o curso foi ao Viktoria-Theater e esteve lá como a segunda bailarina do grupo. Mas a vida de uma dançarina é precária. Como o escritor Hackländer disse, elas são escravas modernas, amarradas por uma miséria de salário e submetidas aos duros ensaios durante o dia e performances durante à noite. No camarim do teatro elas podem se maquiar e se vestir com roupas encantadoras. Mas fora daquela realidade elas não possuem roupas ou comidas o suficiente e a vida se torna ainda mais difícil para aquelas que

sustentam os pais ou a família. Foi dito que, como resultado, era difícil não decaírem para a "mais antiga das profissões".

O motivo de Elise escapar desse destino foi parte pela sua natureza modesta e parte pelos cuidados do pai. Desde criança ela realmente gostava de ler, mas tudo que tinha em mãos eram novelas toscas que pegava de empréstimo das bibliotecas ambulantes apelidadas de "colportagem". Depois de me conhecer ela começou a ler os livros que eu a emprestava, e gradualmente seu gosto foi se aperfeiçoando e ela perdeu o sotaque. Em pouco tempo os erros que ela cometia nas cartas diminuíram, e então cresceu entre nós um tipo de relação entre professor e aluna. Quando ouviu falar da minha precoce destituição, ficou pálida. Ela me pediu para não contar para a sua mãe; estava com medo da sua mãe me rejeitar ao saber que o suporte financeiro para os estudos foi perdido.

Não há necessidade de escrever em detalhes, aqui, mas foi nesse tempo que o meu sentimento por ela se tornou amor e que nossa ligação foi aprofundada. A decisão mais importante da minha vida estava diante de mim. Foi um tempo de crise real. Alguns até podiam criticar a minha atitude mas a minha afeição por Elise se tornou forte desde o nosso primeiro encontro, e agora eu posso ver em suas expressões a simpatia pela minha desgraça e tristeza com o menor pensamento de separação. O jeito de ficar em pé, ali, a imagem da amabilidade, seu cabelo solto ao ar—eu estava perdido em sofrimento e impotência perante a face de tamanho encantamento.

O dia em que providenciei para dar minha resposta ao chefe da Legação se aproximava. O destino estava pressionando. Se eu retornasse para casa desta maneira falharia em meus estudos e carregaria um nome desprestigiado. Nunca poderia me restabelecer. Mas por outro lado, se eu ficasse, não conseguia ver formas de obter subsídios para auxiliar os meus estudos.

Neste ponto o meu amigo Kenkichi Aizawa, com quem estou viajando neste exato momento para casa, veio me ajudar. Ele é um secretário pessoal do Conde Amakata, em Tóquio, e ele viu o relatório da minha destituição no diário oficial. Convenceu o editor de um certo jornal a fazer de mim o correspondente internacional, então eu poderia ficar em Berlim e enviar ensaios sobre assuntos como política e arte.

O salário que me ofereciam era uma mixaria, mas mudando o meu alojamento e almoçando em um restaurante barato eu poderia encaixar as contas ao final do mês. Enquanto tentava decidir, Elise mostrou para mim a sua prova de amor. Não sei como conseguiu isso mas ela convenceu a sua mãe e fui aceito como o novo inquilino em sua casa. Logo após isso estávamos nós dois juntando os nossos míseros salários e, no meio de todos os nossos problemas, apreciando a vida.

Após o café da manhã, Elise ou ia aos ensaios ou, quando estava livre, ficava em casa. Eu ia à cafeteria, na Königsstrasse. Lá, numa sala iluminada por uma claraboia, eu costumava ler todos os jornais e fazer uma ou duas notas, a lápis. Ali iam homens jovens sem empregos regulares, senhores

que viviam bem felizes emprestando o seu parco dinheiro e investidores que escapavam da Bolsa para arejar um pouco. Pergunto-me o que se deu do estranho japonês que sentava com eles na mesa fria, desatento com o copo de café que era trazido pela garçonete, e que estava sempre indo e vindo da parede onde os jornais eram exibidos em molduras de madeira. Quando Elise tinha ensaio, voltava pra casa às treze horas. Algumas pessoas dali podem ter olhado de soslaio quando saíamos juntos do teatro.

Eu negligenciei os meus estudos. Quando chegava em casa Elise sentava em uma cadeira e costurava, e eu escrevia os meus artigos na mesa, ao seu lado, usando a fraca luz da lamparina pendurada no teto. Esses ensaios eram um pouco diferentes dos meus primeiros artigos, quando eu investigava páginas ultrapassadas de estatutos e leis. Agora investigo a vívida cena política e critico as últimas tendências da literatura e arte, cuidadosamente escrevendo com o melhor de minha habilidade; mais ao estilo de Heine do que de Börne. Durante esse tempo, Guilherme I e Frederico III morreram em uma rápida sucessão. Ao escrever relatórios particularmente detalhados de tais assuntos como a ascensão do novo imperador e a queda de Bismarck, me encontrei muito mais ocupado do que esperava, e era difícil ler os poucos livros que eu tinha ou retornar aos meus estudos. Eu não tinha cancelado o meu registro na universidade, mas eu não podia pagar as taxas e quase nunca ia às palestras.

Sim, negligenciei os meus estudos. Mas me tornei um especialista em uma esfera—educação pessoal, e nisso a Alemanha era mais desenvolvida do que qualquer outro país europeu. Logo me tornei um correspondente; passei a ler e escrever sobre uma variedade de discussões excelentes que aconteciam nas revistas e nos jornais, e trouxe para este trabalho a percepção adquirida durante os meus estudos como um discente da universidade. Meu conhecimento sobre o mundo, que antes era bem limitado, se tornou vasto, e alcancei um posto impensado para a maioria dos meus compatriotas que estudavam lá: eles mal conseguiam ler os editoriais dos jornais alemães.

Então, chegou o inverno de 1888. Eles espalharam areia nos pavimentos das principais ruas e escavavam a neve em forma de montinhos. Embora o solo na área da Klosterstrasse fosse irregular a superfície se tornava suave, com o gelo. Era triste ver os pardais morrerem de fome e congelarem até a morte, no chão, quando você abria a porta pelas manhãs. Nós acendíamos o fogão para aquecer os cômodos, mas estava insuportavelmente frio. O inverno norte-europeu penetrava as paredes de pedra e perfurava as nossas roupas de algodão. Algumas noites antes, Elise desmaiou no palco do teatro e foi ajudada por algumas amigas. Ela ficou doente daquele momento em diante, não conseguia comer e foi sua mãe quem primeiro sugeriu que poderia ser enjoo matinal. Mesmo sem isso o meu futuro já era incerto. O que eu poderia fazer se isso fosse verdade?

Era domingo de manhã, estava em casa mas sentia inquietação. Elise não se sentiu mal o suficiente para ir para a cama; sentou-se na cadeira, aproximada da lareira, mas pouco disse. Houve som de algo através da porta e sua mãe correu até a mim segurando uma carta. Eu conheci a letra de Aizawa imediatamente, mas o selo era prusso e estava localizada em Berlim. Sentindo-me confuso, abri a carta. As notícias eram totalmente inesperadas: “Cheguei ontem à noite com a comitiva do Conde Amakata. O Conde disse que quer ver-lhe imediatamente. Se o seu prestígio de alguma forma puder ser restituído, esse é o momento. Perdoe-me a brevidade mas esta foi enviada sob muita pressa.”

Encarei a carta.

“Essa veio de casa?” Perguntou Elise.

“Não são más notícias, né?” Ela provavelmente pensou que tinha a ver com o meu salário do jornal.

“Não. Não há motivos para preocupação. Você me ouviu mencionar o Aizawa. Bem, ele acabou de chegar em Berlim com seu chefe. Ele gostaria de me ver e diz que é urgente, então preciso ir sem demora.”

Nem mesmo uma mãe vendo partir o seu querido filho podia ter ficado mais apreensiva. Achando que eu iria ser entrevistado pelo Conde, Elise ficou nervosa. Ela escolheu uma camisa branca e limpa e saiu com meu *Gehrock*, uma sobrecasaca com duas linhas de botões, pela qual zelava cuidadosamente. Ela me ajudou a vesti-la e até mesmo amarrou a minha gravata.

“Agora ninguém poderá dizer que você parece acabado. Olhe ao espelho.” Ela disse.

“Por que tanta miséria? Eu gostaria de ir com você...” Ajeitou meu terno, um pouco.

“Mas quando eu te vejo vestido dessa maneira você não se parece com o meu Toyotaro.”

“Se você se tornar rico e famoso você não vai me deixar, né? Mesmo se minha fraqueza se tornar o que a mamãe diz que é”

“O que? Rico e famoso?” Eu sorri.

‘Eu perdi o meu desejo de entrar na política há muitos anos. Eu nem ao menos quero ver o Conde. Estou indo apenas para encontrar um velho amigo que eu não vejo há muito tempo.’

O “droshky” de primeira classe que a sua mãe pediu para mim estava preparado, com suas rodas chiando sobre a neve. Coloquei minhas luvas e peguei meu chapéu. Dei um beijo de despedida em Elise e desci as escadas. Ela abriu a porta coberta de gelo para me ver, e seus cabelos voavam com o passar do vento...

Cheguei na entrada do Kaiserhof. Pedindo o número do quarto do secretário privado Aizawa, para o porteiro, e subi a escada de mármore. Fazia muito tempo desde a última vez que estive ali. Cheguei na sala de espera onde havia um sofá macio na pilastra do meio e, à frente, um espelho. Retirei o meu sobretudo e, atravessando o corredor, cheguei na porta do Aizawa. Hesitei um pouco. Como ele iria me cumprimentar? Quando frequentamos a universidade, juntos, ele era tão impressionado com o meu comportamento. Eu entrei no quarto e ficamos face a face. Ele parecia mais corpulento do que antes, mas tinha a mesma disposição alegre e não parecia preocupado com minhas recentes atitudes. Mas não tínhamos tempo para discutir detalhadamente o que aconteceu desde a última vez que nos vimos, e num instante eu fui chamado e apresentado ao Conde. Ele me confiou a tradução de alguns documentos urgentes que estavam escritos em alemão. Eu os aceitei e me retirei. Aizawa me seguiu e me convidou para o almoço.

Durante a refeição era ele quem fazia as perguntas e eu quem as respondia, porque sua carreira tinha sido monótona enquanto que a minha história de vida estava cheia de problemas e adversidades.

Ouvia enquanto eu falava com completa franqueza das minhas tristes experiências. Mas quando eu terminei a minha história ele se tornou sério e me advertiu. As coisas chegaram nesse nível porque eu era basicamente fraco de vontade, mas não havia nenhuma razão para protestar contra isso agora. Mesmo assim quanto tempo um homem de talento como eu pode permanecer emocionalmente envolvido com uma mulher e deixar-se levar por uma vida tão mísera? Nesse momento o Conde Amakata precisaria somente do meu alemão. Como ele sabia o motivo da minha destituição, Aizawa não fez nenhuma tentativa de mudar a opinião dele sobre mim.—Não seria vantajoso para nenhum de nós se o Conde pensasse que estávamos o enganando de alguma forma. Mas não havia maneira melhor de recomendar pessoas do que mostrando os seus talentos. Deveria mostrar ao Conde o quão bom eu era e assim tentar conquistar sua confiança. Quanto à garota, ela até poderia estar me amando e nossas paixões profundamente envolvidas, mas não havia, de certo modo, um encaixe de mentalidade—eu apenas me permiti cometer um erro. Ele disse que eu deveria abandoná-la.

Quando ele mapeou o meu futuro daquela forma, me senti um homem à deriva, que contempla uma montanha, de longe. Mas a montanha ainda era coberta com nuvens. Não sabia se eu a alcançaria,

ou mesmo se eu conseguisse, se isso me traria satisfação. A vida era prazerosa mesmo no meio da pobreza e o amor de Elise era difícil de rejeitar. Sendo tão fraco de vontade eu não poderia me decidir daquela forma, mas eu prometi seguir o conselho do meu amigo e terminar o relacionamento.

Nós saímos dali cerca de dezesseis horas. Quando saí do restaurante o vento acertou o meu rosto. O fogo queimava em uma grande lareira do lado de dentro, então quando a porta de vidro duplo fechou atrás de mim eu fiquei em pé na saída, e o frio da tarde penetrava o meu sobretudo fino e parecia mais intenso ainda. Eu estremei, e ouvi um peculiar estremeamento em meu coração, também.

Eu terminei a tradução uma hora da manhã. Depois disso eu passei a ir ao Kaiserhof frequentemente. A priori o Conde só falava de negócios, mas depois de um tempo ele veio com assuntos variados sobre o que aconteceu no nosso país recentemente e pedia a minha opinião. Quando houve a ocasião ele falou comigo sobre os erros que as pessoas cometiam durante a viagem e se derramava em risos.

Passou-se um mês. Então um dia, de repente, ele virou-se até mim:

“Eu estou indo para a Rússia, amanhã. Você virá comigo?”

Eu não tinha visto Aizawa por alguns dias pois ele estava ocupado com alguns assuntos oficiais, e o pedido me pegou completamente de surpresa.

“Como eu poderia recusar?”

Respondi. Devo confessar que não respondi como o resultado de uma rápida decisão. Quando sou perguntado por alguém que confio eu instantaneamente concordo sem medir as consequências. Eu não somente concordo como também, apesar de saber quão difícil o assunto possa ser, escondo a minha insensibilidade para com o assunto.

Naquele dia foi dado-me não somente o salário pelas traduções como também o dinheiro para a viagem. Quando cheguei em casa dei o salário para Elise. Com aquilo ela poderia estar apta a manter a si e sua mãe até o tempo em que eu retornasse da Rússia. Ela disse que foi ver um médico, que confirmou que ela estava grávida. Estando anêmica, ela não percebeu sua condição por alguns meses. Ela também tinha recebido uma mensagem do teatro dizendo que ela fora demitida, então havia aí outra razão para a gravidade do caso. Acreditando piamente em minha sinceridade, ela não parecia preocupada com a minha iminente jornada.

A viagem de trem não era tão longa então não havia muito o que preparar. Eu apenas peguei uma pequena mala de viagem, um terno preto alugado, uma cópia do *Almanach de Gotha* e dois ou três dicionários. Em vista dos recentes eventos eu senti que Elise sofreria muito com a minha ida. Eu também estava receoso de que ela fosse chorar na estação, então organizei para que ela fosse visitar algumas amigas na manhã seguinte, com a sua mãe. Peguei minhas coisas e tranquei a porta na saída, deixando a chave com o sapateiro que vivia ali na entrada.

O que há para falar sobre a minha viagem até a Rússia? Meus dotes como intérprete finalmente elevaram-me da condição mundana até o topo da corte russa. Acompanhando os homens do Conde eu fui até São Petersburgo, onde fui surpreendido pelas arquiteturas ornamentadas do palácio, que representavam os grandes esplendores de Paris transportados para o meio do gelo e da neve. Acima de tudo eu lembro-me das incontáveis cintilações do amarelo das velas, a luz refletida pela turba de decorações e dos leques esvoaçantes das damas da corte, que esqueciam o frio lá fora quando sentavam próximas ao calor das lareiras requintadamente esculpidas e inflamadas. Como eu era o mais fluente em francês dos homens do Conde, eu tinha de circular entre os anfitriões e convidados para interpretar para eles.

Mas não esqueci Elise. Como eu poderia? Ela enviava-me cartas todos os dias. Desde o dia em que saí ela queria evitar a tristeza de sentar sozinha sob a lamparina e então ficava parolando até tarde da noite na casa de uma amiga. Então, sentindo-se cansada, voltava para casa e imediatamente ia à cama. Na manhã seguinte ela se perguntava se não tinha apenas sonhado que estava sozinha. Mas quando ela se levantava a depressão e o sentimento de solidão estavam piores, fora o medo de não saber quando seria a sua próxima refeição. Isso foi o que ela me contou na primeira carta. As cartas seguintes pareciam escritas sob grande angústia, e cada uma delas começava do mesmo jeito.

“Ah, somente agora eu percebo a profundidade do meu amor por você. Como você mesmo diz, você não tem mais parentes próximos no Japão, você ficará aqui se achar que poderá ter uma boa vida, né? O meu amor deverá te amarrar, aqui. Mesmo que isso seja impossível e que você tenha de retornar para lá, eu poderia facilmente ir com a minha mãe. Mas onde nós conseguiremos dinheiro para a passagem? Eu sempre pretendi estar aqui e esperar até o dia em que você se tornasse famoso, não importa o que eu precisasse fazer. Mas a dor da separação cresce mais forte a cada dia, mesmo que você esteja apenas em uma curta viagem e que você esteja aí somente há vinte dias. Foi um erro pensar que essa partida seria apenas um sofrimento efêmero para mim. Minha gravidez está começando a ficar óbvia, então você não pode me rejeitar agora, não importa o que aconteça. Eu discuti bastante com minha mãe. Mas ela cedeu e agora ela percebe quão determinada estou em

comparação com antigamente. Quando eu me for com você ela diz que viverá com uns parentes distantes que vivem em uma fazenda próxima de Estetino. Se você, como disse na última carta, está fazendo um trabalho importante para o Conde, nós podemos de alguma forma comprar as passagens. Como eu anseio o dia em que você voltará para Berlim.”

Foi somente depois de ler essa carta que realmente entendi o meu dilema. Como eu pude ser tão insensitivo! Estava orgulhoso por ter feito uma decisão sobre o meu próprio curso de vida. Mas isso foi feito em condições completamente favoráveis e não adversas. Quando tentava esclarecer o meu relacionamento com os outros as minhas emoções se tornavam confusas.

Eu já estava muito próximo do Conde. Mas na minha curta visão só estava levando em consideração as obrigações que estava empreendendo. Os deuses poderiam bem saber como isso se conectava com meus desejos para o futuro, mas eu não sabia. Quando Aizawa me recomendou, a priori, eu senti que a confiança do Conde seria difícil de ser conquistada, mas agora de alguma forma consegui. Quando Aizawa dizia coisas como “se nós continuarmos a trabalhar juntos quando você voltar ao Japão”, eu me perguntava se ele realmente estava insinuando o que o Conde gostaria de dizer. Era verdade que Aizawa era meu amigo, mas ele nunca pareceu franco comigo a não ser quando falávamos sobre coisas oficiais. Agora que eu penso sobre isso, me pergunto se ele talvez contou ao Conde o que eu imprudentemente contei a ele—que eu romperia minhas relações com Elise.

Quando eu vim para a Alemanha achei que tinha descoberto a minha verdadeira natureza e jurei não ser mais usado como uma máquina. Mas talvez foi somente o orgulho de um passarinho que teve momentaneamente a sua liberdade para bater as asas enquanto tinha as suas pernas amarradas. Não havia como desamarrar. A corda foi primeiramente o chefe do meu departamento, e agora, infelizmente, é o Conde.

Aconteceu de ser Ano Novo quando eu retornei para Berlim com os homens do Conde. Eu os deixei na estação e peguei a carruagem para casa. Em Berlim ninguém dorme no Ano Novo, é costume ficar acordado até de manhã. A neve na estrada tinha congelado completamente. A carruagem virou até a Klosterstrasse e estacionou na entrada da casa. Pedi ao cocheiro que pegasse minha mala e eu estava para subir as escadas quando Elise desceu voando para me ver. Ela chorou e colocou seus braços em volta do meu pescoço. Com isso o cocheiro ficou um pouco assustado e resmungou algo que não pude ouvir.

“Oh, bem-vindo de volta! Eu morreria se você não tivesse voltado!”

Ela chorou. Até então eu estava evasivo. Algumas vezes o pensamento no Japão e o desejo de buscar fama parecia sobrepor o meu amor, mas naquele preciso momento toda a minha hesitação me deixou e eu a abracei. Ela deitou a sua cabeça sobre meus ombros e derramou lágrimas de felicidade.

“Em qual andar eu deixo isso?” Resmungou o cocheiro enquanto subia as escadas com a bagagem.

Dei algumas moedas de prata para a mãe dela e pedi para que o pagasse. Elise segurou minhas mãos e me conduziu até o quarto. Eu fiquei surpreso em ver uma pilha de algodão branco e rendas colocadas sobre a mesa. Ela riu e apontou para o monte:

“O que você acha de todos esses preparativos?” Ela pegou um pedaço e eu vi que era uma fraldinha.

“Você não pode imaginar o quão feliz eu estou!” Ela disse.

“Pergunto-me se nosso filho terá os seus negros olhos. Ah, seus olhos com quais tanto sonhei! Quando nascer você fará a coisa certa, não é? Vai dar a ele o seu nome e o de mais ninguém, né?” Abaixou a cabeça.

“Você pode rir de mim por ser boba mas eu estarei tão feliz no dia em que formos à igreja.” E ergueu os olhos, cheios de lágrimas.

Não fui ao Conde por dois ou três dias porque imaginei que ele estaria cansado da viagem, então fiquei em casa. Então, uma noite, recebi um convite dele. Quando lá cheguei ele me cumprimentou veementemente e agradeceu pelo meu trabalho na Rússia. Então me perguntou se eu gostaria de voltar ao Japão, com ele. Eu sabia muito e o meu conhecimento de línguas *per se* já era de grande valor, ele disse. Pensou que, vendo que estava por tanto tempo na Alemanha, poderia ter alguns laços aqui, mas ele perguntou ao Aizawa e ficou aliviado em ouvir que esse não era o meu caso.

Eu não podia discordar das informações que tinha sobre mim. Estava trêmulo, mas claro que achei impossível contradizer o que Aizawa o tinha dito. Se não agarrasse esta chance poderia perder não só a minha terra natal mas também o único meio que teria para estabelecer um bom nome. Estava afetado pelo pensamento de que morreria neste mar de humanidade, nesta vasta capital europeia. Mostrei a minha falta de fibra moral e aceitei em ir com ele.

Eu não tive pudor. O que eu diria para Elise quando retornasse? Ao sair do hotel a minha mente estava em uma turbulência indescritível. Vaguei por aí, imerso em pensamentos, sem me

importar aonde estava indo. Por vezes eu era xingado por um cocheiro que desviava a rota por minha causa e eu pulava para trás, assustado. Depois de um tempo olhei ao redor e percebi que estava no Tiergarten. Eu desabei em um banco ao lado da estrada. Minha cabeça estava um fogo e sentia como se alguém estivesse a martelando, quando recostei no banco. Por quanto tempo eu fiquei jogado lá como um cadáver? O terrível frio rastejando na cerne de meus ossos acordou-me. Já era noite, novamente, e a neve que caía, densa, fez um montinho em meus ombros e na ponta de meu chapéu.

Deveria ser quase onze. Mesmo as ferraduras dos cavalos das carruagens, entre Moabit e Karlstrasse, estavam enterradas sob a neve e as lamparinas ao redor do portão de Brandemburgo exalavam uma luz sombria. Meus pés estavam duros de gelados quando eu tentei me levantar e eu tive que esfregá-los com minhas mãos antes de poder me locomover.

Andei lentamente e deve ter sido quase meia-noite quando eu cheguei na Klosterstrasse. Não sei como eu cheguei lá. Era início de Janeiro e os bares e as casas de chá da Unter den Linden deveriam estar cheias, mas eu não me lembro de nada disso. Eu estava obcecado pelo pensamento de que eu tinha cometido um crime imperdoável. No quarto andar, no sótão, Elise evidentemente não tinha dormido ainda, em vista do feixe de luz brilhando lá em contraste com o escuro céu. Os flocos de neve que caíam pareciam mais como um grupo de passarinhos brancos, e a luz aparecia e desaparecia como se fosse um brinquedo do vento. Quando eu atravessei a porta eu percebi quão fatigado eu estava. A dor em minhas articulações era tão intolerável que eu quase caí das escadas. Fui à cozinha, abri a porta e pisei em falso. Elise estava costurando fraldas na mesa quando virou-se.

“O que você esteve fazendo?” Ela arquejou.

“Olhe só para você!”

Ela tinha uma boa razão para estar em choque. Minha face estava pálida como a de um cadáver. Eu perdi o chapéu em algum ponto durante o meu retorno e meu cabelo estava uma completa bagunça. Minhas roupas estavam rasgadas e sujas de neve lamacenta de quando tombei, diversas vezes, pelo caminho.

Lembro de tentar responder, mas não consegui dizer nada. Impossibilitado de estar em pé por conta da tremulação dos joelhos, eu tentei pegar uma cadeira, mas então eu desabei sobre o chão.

Retomei consciência apenas algumas semanas depois. Apenas balbuciava sob uma febre ardilosa enquanto Elise cuidava de mim. Então um dia Aizawa veio me visitar e viu por si só o que eu tentava esconder dele, e desconversou o Conde dizendo somente que eu estava doente. Quando eu, primeiramente, coloquei meus olhos sobre a Elise, que estava ao lado da cama, fiquei assustado pela

sua aparência alterada. Ela ficou terrivelmente magra e seus olhos avermelhados estavam causando forte impressão com suas bochechas cinzas. Com a ajuda do Aizawa não faltou-lhe nada das necessidades básicas, é verdade, mas este mesmo benfeitor a matou espiritualmente.

Como ele me contou depois, ela ouviu do próprio Aizawa sobre a minha promessa ao Conde e a ele. Ela pulou da cadeira, seu rosto ficou pálido e ela gritava, desesperada: “Toyotaro! Como você pôde me enganar dessa forma!”. Ela repentinamente entrou em colapso. Aizawa chamou sua mãe e ambos a colocaram sobre a cama. Quando ela acordou, algum tempo depois, seus olhos estavam fixos como se contemplassem algo e ela não conseguia reconhecer aqueles que estavam ao seu redor. Ela gritava pelo meu nome, abusava do meu corpo, cortava seu cabelo e mordia o cobertor. Então, abruptamente, pareceu lembrar de algo e começou a contemplar aquilo. Tudo que sua mãe dava-lhe ela arremessava, exceto as fraldinhas que estavam sobre a mesa. Essas ela encarava por um momento, então as pressionava ao rosto e derramava-se em lágrimas.

Desde então ela nunca mais ficou violenta, mas sua mente estava sempre perturbada e ela se tornou tão simplificada de pensamento como uma criança. O doutor disse que não havia esperança de recuperação, isso era uma doença chamada paranoia que acometia pessoas que sofreram emoção excessiva e repentina. Eles tentaram levá-la ao Dalldorf Asylum mas ela chorava e se recusava a ir. Ela continuava apertando as fraldas em seu busto, e isso parecia fazê-la contente. Apesar de Elise não sair do meu leito, também não parecia realmente saber o que estava acontecendo. Apenas ocasionalmente ela podia repetir a palavra “medicina”, como se se lembrasse do significado desta palavra.

Recuperei-me da enfermidade rapidamente. Quão frequente eu não agarrava o seu vivo cadáver sobre meus braços e chorava? Quando saí com o Conde para a viagem de volta ao Japão, discuti o assunto com o Aizawa e dei à mãe dela o suficiente para manter uma existência mísera; eu também deixei dinheiro para pagar o nascimento do bebê que eu deixei no ventre da pobre e enlouquecida garota.

Amigos como Kenkichi Aizawa são, de fato, raros, e desde esse acontecimento existe uma parte de mim que amaldiçoa-lhe.

- Mori Ogai, 3 de Janeiro de 1890;
Pedro Martins Lopes.

舞姫

石炭は既に積み終わった。中等室のテーブルのまわりはたいそう静かで、白熱灯の光がまぶしいのも無駄である。今宵は夜ごとにここに集まってくるトランプ仲間もホテルに宿泊していて、船に残っているのは私一人であるから。五年前のことだったが、それまでの希望が叶って、洋行せよとの官命を受け、このサイゴンの港まで来た頃は、目に見るもの、耳に聞くもの、一つとして新しくないものはなく、筆に任せて書きつづった紀行文は日を追うごとに何千語にかなったであろう、当時の新聞に掲載されて、世の中の人にもてはやされたが、今日になって考えてみると、卑しい思想や、身の程知らない放言、そうでなくとも通常の動植物や岩石、果ては風俗などをさえ珍しそうに書いたものを、ものを知っている人はどのように見ただろう。今回、船路に就いたとき、日記を書いてみようと思ったノートもまだ白紙のままなのは、ドイツでものを学んでいた間に一種の厭世主義の性質を培ってしまったのだろうか……いやそうではない、これには別に訳があるのだ。

まことに東に帰る今の私は、西に向かって船に乗っていた昔の私ではなく、学問にこそまだ自身に満足しないところも多いが、世間の浮き沈みも知って、人の心が頼りにならないのは言うまでもなく、自分と自分自身の心までも変わりやすいことをも悟ってしまった。昨日と今日とは異なる一瞬の感触を、筆に写して誰に見せられるだろう。これが日記の書けない理由である……いや違う、これには他の理由があるのだ。

ああ、ブリジンディの港を出てから、もう二十日あまりが経った。普通のことならば船の初対面の客とまで知り合いになり、旅の憂さを慰め合うのが船旅の習慣なのに、軽い病を理由に部屋の中ばかりにこもって、同行の人々にも話をするのが少ないのは、人の知らない恨みに頭を悩ましているからである。この恨みは初め一抹の雲のように私の心をかすめて、スイスの山景色も見せず、イタリアの遺跡にも心をとどめさせることなく、途中からは世の中を嫌い、自身をはかなんで、はらわたが毎日何回転もするような痛みを私に負わせ、今は心の奥底に固まって、一点の蔭ぐらいになったけれど、文字を読むごとに、ものを見るたびに、鏡に映る姿や、声に応える響きのように、限りなく懐かしい気持ち呼び起こして、何回となく私の心を苦しめる。ああ、どのようにしてこの恨みを消せよう。もし他の恨みだったならば、詩に書き、和歌に詠んだ後は気持ちがすがすがしくもなるだろう。こればかりはあまりにも深く私の心に彫りつけられているので、そのようにはできないと思うが、今夜はまわりに人もなく、ボーイが来て電灯のスイッチを入れるにもまだ間があるようなので、さて、その概略を文章に書いてみよう。

私は幼い頃から厳しい教育を受けたおかげで、父を早く亡くしていたが、学問が荒んだり衰えることもなく、藩の学校にいたときも、東京に出て予備校に通っていたときも、大学の法学部に入った後も、太田豊太郎という名前はいつも首席として記されていたので、一人っ子の私を頼りにして生きている母の心も慰められただろう。十九の歳には学士の称号を受け（大学を卒業し）て、大学はじまって以来の名誉であると人にも言われ、某省に勤めて、故郷の母を東京に呼び寄せ、楽しい年月を送ること三年ばかりで、官長の評判も特によろしいので、「洋行してある事務を取り調べろ」との命令を受け、名前を高めるのも、家を大きくするのも、今だと思ふ心が奮い立ち、五十を越えた母と別れるのも大して悲しいとは思わず、はるばる家を離れてベルリンに来た。

私は漠然とした功名心と、抑制に慣れた学習力とを持ち、すぐさまこのヨーロッパの新しい大都市の中央に立った。どんなきらめきであろう、私の眼をつらぬこうとするのは。どのような色香であろう、私の心を惑わそうとするのは。「菩提樹の下」と訳すと、ひっそりとした場所のように思われるが、この髪のようにまっすぐ伸びたウンター・デン・リンデンに来て両側の石畳の歩道を歩く様々な男女を見よ。胸を張り肩をそびえた士官が、まだウィルヘルム一世が街を見渡せる窓に寄り添っていらっしやるころなので、様々な色に飾り立てた礼装をしているのも、美しい少女がパリ風の化粧をしているのも、あれもこれも目を驚かさないものはなく、車道のアスファルトの上を音もせず走るいろいろな馬車、雲にそびえるビルが少しとぎれた所には、晴れている空に夕立の音をさせて噴き落ちる噴水、遠く見渡せばブランデンブルク門を隔てて街路樹が枝を交わせる間から、天高く浮かんでいる凱旋塔の女神の像、このたくさんの景物が目の中に飛び込んでくるので、初めてここに来た人の反応が激しいのも頷ける。しかし私の胸には例えどんな場所に学んでも、つまらない外見に心を動かすまいという決意があり、ひっきりなしに襲ってくる刺激を遮り、止めていた。

私が呼び鈴の紐を引き鳴らして会見を申し込み、日本からの紹介状を出して東から来た目的を告げたプロシアの官吏は、皆気持ちよく私を迎え、「公使館を通した手続きさえ何事もなく済んでしまったならば、何事であれ、教えも伝えましょう」と約束した。嬉しいのは、我が故郷で、ドイツ・フランス語を学んだことである。彼らは初めて私と会ったとき、「どこでいつの間にこのように学んだのか？」と質問しないことはなかった。

さて官の仕事に暇があるごとに、かねてから政府の許しを得ていたので、現地の大学に入って政治学を学ぼうと、名前を名簿に登録した。

一ヶ月二ヶ月と過ごすうちに、仕事の打ち合わせも済んで、調べものも次第にはかどっていったので、緊急のことを報告書を作って送り、そうでないものをコピーをとって手元に置き、最終的には何冊になっただろう。大学の方では、幼稚な考え

で想像していたように、政治家になれる特別な科目があるはずもなく、あれやこれやと悩みながらも、二、三の法学者の講義に出席することに決めて、学費を収め、通学して聴講した。

こうして三年ばかりは夢のように過ぎたが、時期が来ると隠しても隠しきれないのは人の趣味のようだ、私は父の遺言を守り、母の教えに従い、人が「神童だ」などと褒めてくれる嬉しさに怠けず学んでいたときから、官の長官が「よく仕事ができる」と励ますのが嬉しくて怠りなく勤めていたときまで、ただ受動的、機械的な人間になっていて自分では気付かなかったが、現在二十五歳になって、もう長い間この自由な大学の風に当たったからであろうか、心の中は何となく穏やかでなく、奥深くに潜在していた本当の自分は、ようやく表面に現れて、昨日までの自分でない自分を攻撃しているようだ。私は、自分が今の世の中に羽ばたく政治家になるにも相応しくなく、またたくさん法律を暗記して判決を与える裁判官になるにもふさわしくないのがわかったと思った。私は密かに考えるが、母は私を生きた辞書にしようとし、官の長官は私を生きた法律にしようとしたのだろう。辞書であるのはまだ我慢できるが、法律であるのは耐えられない。今まではつまらない問題にも、極めて丁寧に返事をしていた私が、このころから官の長官に寄せる手紙にはしきりに法律制度の細部にわずらわされるべきではないと論じ、一度法の精神さえ獲得すれば、複雑なすべてのことは破竹のように決まるだろうなどと広言した。また大学では、法学部の講義をサボって、歴史・文学に興味を寄せ、やっと面白味を感じる所まで来た。

官の長官は元々意のままに使える機械を作ろうとしていたのだろう。独立の思想を抱き、人と同じではないという顔をしている男をどうして喜ぶだろう。危ないのは私の当時の地位であった。しかしこれだけでは、それでも私の地位を剥奪するには足りないのだろうが、日頃ベルリンの留学生のなかで、ある勢力のあるグループと私の間に、つまらないいざこざがあって、その人たちは私を疑い、ついには私を悪く言うようになってしまった。しかしこれもその理由がなくてはやらないだろう。

あの人々は私が一緒にビールのジョッキも取りあげず、ビリヤードのキューをも手にしないのを、かたくなな気持ちと欲望を抑制する力と理解して、一方では嘲りまた一方では妬んでいたのだろう。しかしこれは私を知らないからである。ああ、この原因は私自身でさえ知らなかったのに、どうして人に知られることがあるだろう。私の心はあの合歓という木の葉に似て、物が触ると縮んで避けようとする。私の心は処女の心に似ていた。私が幼い頃から年長者の教えを守って、学問の道をたどってきたのも、公務員の道を歩んだのも、すべて勇気があって努力していたのではなく、忍耐や勤勉の力と見えたのも、みな自分をだまし、他人までも欺いていたのであり、人がたどらせた道を、ただひたすら歩いていたのである。ほかに気持ちが乱れなかったのは、外部を捨てて顧みないほどの勇気があったのではなく、ただ外部を恐れて自分で自分の手足を縛っていただけだ。故郷を出る前にも、自分が役に立

つ人物であることを疑わず、また自分の心がとても忍耐づよいことをも深く信じてはいた。ああ、それも一瞬。船が横浜を離れるまでは、すばらしい豪傑だと思っていた自分も、止めどない涙にハンカチを濡らしたのを我ながら不思議だと思ったが、これがかえって私の性質だったようだ。この性格は生まれながらなのであろうか... ..または早くに父を失って母の手で育てられてから生じたのだろうか。

あの人々がばかにするのはそのことである。それにしてもうらやむのは愚かではないか.....この弱く不憫な性格を。

赤や白に顔を化粧して、輝いた色の服をまとい、カフェに座って客を引く女を見ても、行ってこれを買おうとする勇氣はなく、山高帽をかぶり、眼鏡を鼻に挟ませて、プロシアでは貴族の話すような鼻音でものを言う遊び人を見ても、行ってこれと遊ぼうとする勇氣もなく、これらの勇氣がなければ、あの活発な同郷の人々と交際する方法もない。この交際の疎遠なために、あの人々はただ私を馬鹿にし、私を妬むのみならず、また私を疑うこととなった。これが私が冤罪をこの身に背負って、若干の間に膨大な艱難辛苦を見尽くす媒介であった。

ある日の夕暮れだったが、私は動物園を散歩して、ウンター・デン・リンデンを過ぎ、我がモンビシュ街の下宿に帰ろうと、クロステル街の古い教会の前に来た。私はあの繁華街のネオンの海を渡ってきて、この狭く薄暗い街に入り、建物の木の手すりに干してある敷布・肌着などをまだ取り入れていない人家や、頬髭の長いユダヤ教徒の老人が戸口にたたずんでいる居酒屋や、一つの梯子がそのまま階上に通じて、他の梯子は穴蔵住まいの鍛冶の家に通じた賃貸住宅などに向かって、凹の字型に引き込んで建てられている、この三百年前の遺跡を目にするたびに気持ちが恍惚としてしばらくたたずんだことが何回あるかわからない。

今この場所を過ぎようとするとき、閉ざしてある教会の門扉に寄りかかって、声を呑みこみながら泣く一人の少女がいるのを見た。歳は十六、七のようだ。かぶった布をこぼれた髪の色は、薄い金髪で、着ている服は垢がついたり汚れているようにも見えない。私の足音に驚かされて振り返った顔は、私に詩人の才能がないのでこれを描写することもできない。この青く清らかで何か言いたそうに愁いを含んでいて、半ば涙をためている長いまつげに覆われている目は、どうしてちらっと見ただけで、用心深い私の心の底まで貫いたのか。

彼女は計り知れない深い悲しみにあって、前後を振り返る暇もなく、ここに立って泣いているのだろうか。私の臆病な心は憐憫の情が勝って、思わずそばに寄って、「どうして泣いていらっしゃるのですか。この地に知り合いのない外人は、却って力を貸しやすいこともあるでしょう。」と言いかけたが、我ながら自分の大胆なのにあきれてしまった。

彼女は驚いて私の黄色い顔をじっと見つめたが、私の真剣な気持ちが表情に表れたのだろう。「あなたは善い人のようです。彼のように酷くはないでしょう。また私の母のように。」すこし乾いていた涙の泉はまたあふれて愛らしい頬を流れ落ちた。

「私を救ってください、あなた。私が恥のない人間になってしまうのを。母は私が彼の言葉に従わないとって、私を打ちました。父は死んでいます。明日は葬らなくてはならないのに、うちには一銭の蓄えさえありません。」

後はすすり泣く声ばかり。私の眼はこのうつむいている少女の震えるうなじばかりに注がれていた。

「君の家に送って行くから、まず気持ちを鎮めなさい。泣き声を人に聞かれてはいけません。ここは人通りがあるから。」彼女は話をしているうちに、思わず私の肩に寄り添っていたが、このときふと頭を上げて、また初めて私を見たように、恥ずかしがって側を飛び退いた。

人に見られるのがいやで、早足で歩く少女の後について、教会の筋向かいにある大きな戸を入ると、壊れかかった石の階段がある。これを上って四階の所に屈んで通るような戸がある。少女は錆びていて先をねじ曲げた針金に、手を掛けて強く引いたが、中からはしわがれた老婆の声がして、「誰？」と聞いた。エリスが「帰ったわ」と答えるとすぐに、戸を荒々しく引き開けたのは、半ば白くなった髪、悪い人相ではないが、貧苦の跡を額に刻んだ顔の老婆で、古い毛織りの服を着て、汚れた部屋履きをはいてた。エリスが私に会釈して入るのを、彼女は待ちかねたように、戸を激しく閉ざした。

私はしばらく茫然と立っていたが、ふとランプの光に透かして戸を見ると、「エンルスト・バイゲルト」とペンキで書かれ、その下に「仕立物師」を添えられていた。これが死んだという少女の父の名前なのだろう。中からは言い争うような声が聞こえたが、また静かになって戸が再び開いた。さきの老婆は丁寧に自分が失礼な態度をとったことを詫びて、私をなかに迎え入れた。戸の中は台所で、右側の低い腰窓に、真っ白に洗ってある麻布を懸けている。左側には粗末に積み上げられた煉瓦のかまどがある。正面の一室の戸は半分開いていて、なかには白い布で覆われたベッドがある。横たわっているのは亡くなった人なのだろう。かまどのそばにある戸を開いて自分を導いた。この部屋はいわゆる屋根裏で街に面した一室なので、天井もない。隅の屋根裏から窓に向かって斜めに下がっている梁を、紙で張った下の立てば頭がつかえそうな所にベッドがある。中央にあるテーブルには美しいテーブルクロスが掛けられ、上には書物が一、二冊とアルバムとが並べられ、花瓶にはここにふさわしくない値段の高い花束が生けてある。そのかたわらに少女ははにかんで立っていた。

彼女はとても美しかった。ミルクのような肌は部屋の灯りに映えてほんのりと赤みがかっている。手足がかぼそく弱々しいのは、貧家の女性のようにではない。老婆が部屋を出た後に、少女は少し訛のある言葉でいった。「許してください。あなたをこんなところまで連れてきた無遠慮を。あなたは善い人でしょう。私をまさか憎まないでしょう。明日に迫った父の葬儀.....頼りにしていたシャウムベルヒ、あなたは彼をご存じないでしょうが.....。彼はヴィクトリア座の座長です。彼のところで勤めてから、もう二年になるので、間違いなく私たちを助けてくれるだろうと思っていたのに、人の悲しみにつけ込んで、身勝手な要求をすることは.....。私を救ってください、あなた。お金は少ない給金からお返しいたします。たとえ私が食べなくとも.....。それがなければ母の言葉通りに.....。」彼女は涙ぐんで身体を震わせている。私を見上げた目には、人にいやとは言わせない艶めかしい雰囲気があった。この目の働きは知っていてやっているのだろうか、それとも自分では気付いていないのだろうか。

内ポケットには二、三マルクの銀貨があったが、それで足りるはずもないので、私は時計をはずして机の上に置いた。「これでこの急場をしのぎなさい。質屋の使いがモンビシュー街三番地の太田と訪ねてきたときには代価を払うから。」

少女は驚き感動した様子で、私が別れのために差し出した手にキスしたが、はらはらと落ちる熱い涙が私の手の甲に注がれた。

ああ、なんという悪い偶然だろう。このときの礼をしようと、自分から私の下宿に来た少女は、ショーペンハウエルを右に、シラーを左に置いて、一日中じっと読書する部屋の窓辺に、一輪の美しい花を咲かせた。このときを初めに、私と少女のつきあいはだんだん頻繁になってゆき、私の同郷の人にまで知られたので、彼らはうかつにも、私のことを恋人を踊り子のなかから漁る者だといった。私たちの間にはまだ幼稚な喜びしかなかったのに。

名指しにするのは避けるが、同郷人のなかに事件を好む奴がいて、私がしばしば劇場に出入りして、女優と交際しているということ、官の長官に報告した。そうではなくても私が頻繁につまらない学問にとらわれているのを憎く思っていた長官は、ついに命令を公使館に伝え、私の官を免じ、職を解いた。公使がこの命令を伝えるときに言ったことは、「おまえがもしすぐに国に帰るならば、旅費を支給するが、もしまだここにとどまるのならば、国からの旅費の支給は受けられない」とのことであった。私は一週間の猶予をもらって、あれこれ悩むうちに、生涯で最も悲しみを受けさせた二通の書簡を手にした。この二通はほとんど同時に投函されたものだったが、一つは母の自筆、もう一通は親族が、母の死を.....私がこの上なく慕う母の死を知らせた手紙であった。母の手紙の言葉をここにもう一度書くことには堪えられない.....涙がこみ上げてきて筆の運びを邪魔するからである。

私とエリスの交際は、このときまでははた目に見るより潔白だった。彼女は父が貧しかったために、十分な教育を受けず、十五の時に踊りの先生の募集に応じて、この卑しい踊りを教えられ、講習が終わったのち、ヴィクトリア座に出演して、現在は座中で二番目の位置にいる。しかし詩人ハックレンダーが現代の奴隷と言ったように、はかない踊り子である。少ない給料で縛られ、昼の稽古、夜の舞台と厳しく使われて、芝居の化粧部屋に入ってこそ化粧もし、美しい衣装もまとうが、場外では一人分の衣食も足りそうもないので、親兄弟を養う者はその辛さはどれくらいであろう……。そこで彼女らの仲間で、賤しい限りのなりわいに落ちない者はまれであるという。エリスがこれを避けられたのは、おとなしい性質と、頑固な父親の守護とがあったからである。彼女は幼いときから物を読むことを好んでいたが、手にはいるのは貧しいコルポルタージュと呼ばれる貸本屋の小説だけだったが、私と知り合った頃から、私が貸した本を読んで、ようやく趣味を理解し、言葉の訛りも直し、間もなく私によこす手紙にも誤字が少なくなった。このように私たち二人の間にはまず師弟の関係が生じたのであった。私の不意の免官を聞いたときに、彼女は顔色を変えた。私は彼女に関係したことを隠していたが、彼女は私に向かって「お母さんにはこのことを黙っててください」と言った。これは彼女の母が私が学費を失ったことを知ると私を邪険にすることを恐れたのである。

ああ、詳しくここに書く必要もないが、私が彼女を愛する気持ちが急激に強くなって、ついに離れられない関係になったのはこと時であった。自分自身の一大事が目前にあって、本当に危急存亡な秋なのに、こんな行動をとったのを不審に思い、また批判する人もあるだろうが、……。私がエリスを愛する気持ちは、初めて出逢ったときから浅くはなかったが、今私の不幸を憐れみ、また別離を悲しんで顔を伏せてしずんだ様子の顔に、鬢の髪が乱れかかっている、その美しく、いじらしい姿は、私の悲痛な刺激によっていつもとは違ってしまっている頭を貫いて、恍惚としているうちにこんなことになってしまったのをどうすればよいだろう……。

公使に約束した日も近づき、自分の運命の分かれ道も迫ってきた。このまま故郷に帰れば、学問も修得できず汚名を背負った自分の生きる道はないだろう。かといってここにとどまるには、費用を捻出する手段がない。

このとき私を助けたのは今私の同行の一人である相沢謙吉である。彼は東京にいて、既に天方伯爵の秘書官であったが、私の免官が官報に出たのを見て、ある新聞社の編集長に話して、私を社の特派員にしてくれ、ベルリンにとどまって政治・学芸のことなどを報道させることにしてくれた。

社の報酬は言うに及ばないほどだったが、住処も移動し、昼食を食べにゆく店をも変えたならば、わずかながら生活はなり立つだろう。とこう考えているうちに、誠意を示して、助け船を出してくれたのはエリスであった。彼女はどのように母を

説得したのか、私は彼女たち親子の家に居候することになり、エリスと私はいつからともなく、あるかないかの収入を合わせて、つらいなかにも楽しい月日を送った。

朝のコーヒーが終わると、彼女は稽古に行き、そうでない日には家にとどまって、私はキョーニヒ街の間口が狭く奥行きばかりがたいへん長い新聞閲覧室に行き、あらゆる新聞を読み、鉛筆を取り出してあれこれと材料を集める。この開かれた引き窓から光を採っている部屋で、決まった職のない若者や、多くもない金を人に貸して自分は遊んで暮らす老人、証券取引所の暇を盗んで足を休める商人などとひじを並べ、冷たい石のテーブルの上で、忙しそうに筆を走らせて、ウェイトレスが持ってくる一杯のコーヒーが冷めるのもかまわず、空いている新聞を細長い板きれに挟んであるのを、幾種類となく掛け重ねた側面の壁に、何回となく行き来する日本人を、知らない人は何だと思うだろう……。また一時近くになると、稽古に行った日は帰り道に立ち寄って、私とともに店を出る普通と違って軽く、掌の上で踊りを舞えそうな少女を、不思議に思っで見送る人もあったであろう。

自分の学問は荒んでしまった。屋根裏の灯りがかすかに燃え、エリスが劇場から帰って、椅子に座って縫い物などをするそばの机で、私は新聞の原稿を書いた。昔法令条目の枯れ葉を紙の上にかき集めていたのとは違って、今は活発な政界の運動、文学・美術に関わる新現象の批評などを、あれこれと結びつけて、力の及ぶ限り、ビョーネよりはむしろハイネを学んで考えをつくり、いろいろな文章を作ったなかでも、引き続いてウィルヘルム一世とフレデリック三世の崩御があり、新帝の即位や、ビスマルクの進退がどうなるかなどのことについては、特に詳細なレポートをつくった。それでこのころから思ったよりも忙しくて、多くもない蔵書をひもとき、昔の成果をもう一度思い出すのも難しく、大学の学籍はまだ除籍にはなっていないが、学費を収めることが困難なので、たった一つにした講義さえ行って聞くことはまれになった。

私の学問は荒んでしまった。しかし私は別に或る見識を伸ばした。それは何かというと、だいたい民間学が流布していることは、ヨーロッパ諸国の間でもドイツにおよぶものはないだろう。何百種というの新聞・雑誌に散見される議論には非常に高尚なものが多く、特派員となった日から、かつて大学によく通っていたとき、修得したひとかどの学識を用いて、読んではまた読み、書き写してはまた写しているうちに、今まで一本の道ばかりを走っていた知識は、自然と総合的になって、同郷の留学生などのほとんどが、夢にも知らない境地に到達した。彼らの仲間にはドイツ新聞の社説さえよく読めない者がいるのに。

明治二十一年の冬がやってきた。表通りの歩道では滑り止めの砂もまかれ、鍬を入れることもできるが、クロステル街の辺りは凸凹の歩きにくい所が見られ、表面が一面に凍って、朝扉を開けると飢え凍えた雀が落ちて死んでいるのも哀れなものである。部屋を暖め、かまどに火を焚いても、壁の石を通して、服をたたくような

北ヨーロッパの寒さは、なかなか我慢するのがむずかしい。エリスは二、三日前の夜、舞台上で気を失って倒れたそうで、人に助けられて帰って来たが、それから気分が悪いといって休み、ものを食べるたびに吐くのを、悪阻というものではないかと初めて気がついたのは、母であった。ああ、そうでなくともおぼつかない私の将来なのに、もしほんとうだったらどうしたらよいのだろう。

今朝は日曜なので家にいるが、気持ちはおもしろくない。エリスは床につくほどではないが、小さいストーブの隣に椅子を近づけて言葉も少ない。このとき戸口に人の声がして、まもなく台所にいたエリスの母が、郵便の手紙を持ってきて私に渡した。見ると見覚えのある相沢の筆跡だが、切手はプロシアのもので、消印はベルリンとあった。不思議に思いながら開けて読むと、「急のことであらかじめ知らせる手段がなかったが、昨夜ここに御到着になった天方大臣について私も来た。天方伯がおまえと会いたいとおっしゃるので早く来い。おまえの名誉を回復するのもこのときだ。気持ちばかり急いで用事だけを書く」とあった。読み終わって茫然とした顔付きを見て、エリスが言う。「故郷からの手紙でしょう？ 悪い知らせじゃないでしょうね？」彼女は例の新聞社の報酬に関する書状と思ったのだろう。「いや、気にするな。おまえも名前を知っている相沢が、大臣とともにベルリンに来て私を呼んでいるんだ。急げと言っているのだから……」

かわいい一人っ子を送り出してやる母親もこんなに気は使うまい。大臣にお目にかかるかもしれないと思うからなのだろう、エリスは病気を押して起き、ワイシャツも極めて白いものを選び、丁寧にしまっておいたフロックコートという二列ボタンの服を出して着せ、ネクタイまでも私のために手ずから結んでくれた。

「これでみっともないとは誰もいえないでしょう。私の鏡に向かってみなさい。どうしてそのように面白くなさそうな顔をなさるの？ 私も一緒に行きたいくらいなのに。」少し形をなおして、「いやだ、こんな風に洋服が改まっていらっしゃるのを見ると、何となく私の豊太郎様とは見えないわ。」また少し考えて、「もしお金持ちにお成りになる日があっても、私をお見捨てになってはいやよ。私の病気が母がおっしゃるようでなくても……」

「え、金持ち？」私は微笑した。「政治や社会などに出ようという望みを絶ってから何年か経つというのに。大臣とは逢いたくもない。ただ長年離れていた友達に会いに行くのさ。」エリスの母が呼んだ一等馬車は、車輪の下できしむ雪道を窓の下まで来た。私は手袋をはめ、少し汚れたオーバーコートを背中にひっかけて腕は通さず帽子を取ってエリスにキスして建物を下りた。彼女は凍った窓を開け、乱れた髪を北風になびかせて私が乗った馬車を見送った。

私が馬車を下りたのはカイザーホーフ・ホテルの入り口だった。ベルボーイに秘書官相沢の部屋番号を聞いて、長らく踏み慣れていない大理石の階段を上り、中央の柱にビロードに覆われたソファを据え付け、正面に鏡を立てた次の間に入った。

オーバーコートをここで脱ぎ、廊下を通過して部屋の前まで行ったが、私は少し躊躇した。一緒に大学にいたとき、私の品行が方正なのをとて誉めた相沢が、今日はどんな顔付きで出迎えるだろう？ 部屋に入って面と向かってみると、体格こそ昔に比べると太ってたくましくなったが、依然として快活な性格で、私の失敗もそれほど意に介していないように見えた。別れた後のことを細かく話す暇もなく、引き連れられて大臣に謁見し、委託されたのはドイツ語で書かれた急を要する文書を翻訳しろとのことだった。私が文書を受領して大臣の部屋を出たとき、相沢は後ろから来て「昼食を一緒にとろう」と言った。

テーブルでは彼が多く質問して、私が多く答えた。彼の人生はおおむね平坦だったが、不運で数奇な運命は私の身の上だったからである。

私が胸襟を開いて物語った不幸な履歴を聞いて、彼はしばしば驚いたが、あまり私を責めようとはせず、却って他の凡庸な諸先輩をののしった。しかし話が終わったとき、彼は表情を改めて忠告するように、「この一連の出来事は元々生まれながらの弱い心から出たことだから、今更言っても仕方がない。とはいえ、学識があり、才能のある者が、いつまでも一人の少女の情愛にとらわれて、目的のない生活をしてよいものか。今は天方伯もただドイツ語を利用しようという気持ちだけだ。おれもまた天方伯が当時の免官の理由を知っているために、無理にその先入観を動かそうとはしない……天方伯が心の中で身びいきしようなどと思われるのは、友人に利がなく、自分に損があるからだ。人を推薦するにはまずその能力を示すしかない。それを示して天方伯の信用を求めろ。またその少女との関係は、もしも彼女に誠意があっても、もしも情交が深くなっていても、格式を理解しての恋ではなく、慣習という一種の惰性から生じた関係である。意を決して断絶しろ」と。これはその言葉のだいたいの所である。

大洋に舵を失った舟人が、遙か遠い山を望むようなものが、相沢が私に示した前途の方針だった。しかしこの山はなお深い霧の間であって、いつ到着するとも、いや、果たして到着したとしても、私の心に満足を与えるかどうかも定かではない。貧しい中にも楽しいのが今の生活で、捨て難いのはエリスの愛だ。私の弱い心では決定すべき方法はなかったが、しばらく友人の言葉に従って、この関係を絶とうと約束した。私は守る場所を失うまいと思って、自分に敵対する人には抵抗するが、友人に対してイヤだとは答えないのが普通だった。別れて出ると風が顔を打つ。二重のガラスの窓を厳しく閉ざして、大きな暖炉に火をたいているホテルのレストランを出たところなので、薄いオーバーコートを貫く午後四時の寒さは特に我慢できず、皮膚に鳥肌が立つとともに、私は心の中に一種の寒さを覚えた。

翻訳は一夜で終わった。カイザーホーフホテルへ通うことがこれよりだんだん頻繁になってゆくうちに、初めは天方伯の言葉も用事だけだったが、後には近頃故郷

であったことなどを挙げて私の意見を聞き、折に触れては道中で人々が失敗したことなどを言ってお笑いになった。

一ヶ月ばかり過ぎて、ある日天方伯は突然私に向かって、「私は明朝、ロシアに向かって出発する。着いて来られるかね？」と聞く。私は数日間、例の公務で暇のない相沢を見かけなかったのも、この質問は不意に私を驚かせた。「どうしてお言葉に従わないことがありますでしょう。」私は自分の恥をここに書こう。この答えはいち早く決断して言ったのではない。私は自分が信じて頼りにする気持ちを生じた人に、突然何か聞かれたときは、咄嗟の間、その答えの範囲をよく考えもせず、直ちに承諾することがある。さて承諾した上で、その実現しがたいことに気がついても、無理してその時の気持ちがいい加減だったことを覆い隠し、我慢してこれを実行することがしばしばであった。

この日は翻訳の代金に、旅費までも添えて頂いたのを持ち帰り、翻訳の代金をエリスに預けた。これでロシアから帰って来るまでの出費を支えられるだろう。彼女は医者に見せたところ普通ではない身体だという。貧血の体質だから、何か月か気が付かないでいたのだろう。座長からは休むことがあまりに長いので除籍したと言ってよこした。まだひと月ばかりなのに、このように厳しいのは前のことがあるからなのにちがいない。旅立ちのことにはあまり気持ちを悩ませるとも見えない。偽りのない私の心を厚く信じているので.....。

鉄道では遠くもない旅なので、用意もない。身体に合わせて借りた黒い礼服、新たに買い求めたゴータ版のロシア宮廷の貴族年鑑、二、三種類の辞書などを、小さな鞆に入れただけ。さすがに心細いことばかり多い近頃なので、私が出ていく後に残るのも辛かろうし、また駅で涙をこぼすなどされたら気になるだろうと、翌朝早くエリスを母に付けて知人の所に出してやった。私は旅装を整えて扉を閉め、鍵を入りに住む靴屋の主人に預けて出かけた。

ロシアに到着してからは、何事を書けるだろうか。私の通訳という任務はたちまち私を連れ去って、高い雲の上に墮とした。大臣の一行に随って、ペテルブルグにいた間に私を取り囲んでいたのは、パリで最高の贅沢を、氷雪のなかに運んだ王城の装飾と、ことさらに蜜鑑のロウソクをいくつともなくともした壁、いくつもの勲章、いくつもの肩章が反射する光、装飾の限りをつくした暖炉の火に寒さを忘れて使う宮女の扇のひらめきなどで、この中でフランス語を最も滑らかに使う者は自分であるために、主人と客の間を取り持って用事を述べる者もまた多くは自分だった。

この間私はエリスを忘れなかった.....いや、彼女は毎日手紙をよこしたので忘れられなかった。.....知人のもとで夜になるまで話し、疲れるのを待って家に帰り、すぐに眠る。次の朝目覚めたときは、なお独り後に残ったことを夢ではないだろうかと思った。起き出したときの心細さ、このような思いは、生活費に苦しんで、今

日の食事がなかったときにもしなかった……。これが彼女の第一の手紙の概略である。

またしばらく経ってからの手紙は非常に思いに迫って書いているようであった。手紙を否という字で書き起こしていた。……。否、あなたを思う気持ちの深い底を今知りました。あなたは故郷に頼るべき親族がいないとおっしゃったので、この地によい暮らしの糧があったら、この地におとどまりなさないことがあるでしょうか。また私の愛情をもって繋ぎ止めないではおきません。それも叶わず東にお帰りになるのならば、親とともに行くのは簡単ですが、こんなに多額の旅費をどこから得られるでしょう。どのような仕事をしてこの地にとどまって、あなたが世間にお出になる日を待とうといつも思っていました。しばらくの旅だと出発なさってからこの二十日ばかり、別れの思いは日に日に大きくなるばかり。袂を分かつのはただ一瞬の苦難であると思ったのは間違いでした。私の身体が普通でないのがようやくはっきりとなってきて、それもあつたけれど、もしどんなことがあつても、私を決して見捨てないで。母とひどく言い争いました。しかし私が昔とは似ず決心しているのを見てあきらめたようです。私が東に行くときには、シュテューベンあたりの農家に、遠い親戚があるので、身を寄せると言っています。書いてくださったように、大臣に重く用いられなさたら、私の旅費はなんとかなるでしょう。今はとにかくあなたがベルリンに帰っていらっしゃる日を待つだけ……。

ああ、私はこの手紙を見て初めて自分の立場をはっきりと悟った。恥ずかしいのは私の鈍い頭である。私は自分自身の進退についても、また自分に関係のない他人のことに付いても、決断力があると自ら誇りにしていたが、この決断力は順境ばかりであつて、逆境ではなかつた。自分と人との関係を映そうとするときは、頼みの心の鏡は曇っていたのだ。

大臣は既に私に厚遇してくれる。しかし私の近眼はただ自分が尽力した仕事ばかりを見ていた。私はこれに未来の望みをつなぐなどということは、神も知っていたらどうか、まったく思いも寄らなかつた。しかし今ここに気づいてみると、私の気持ちはなお冷然としていられようか……。前に友人が勧めたときは、大臣の信用は屋上の鳥のように小さかつたが、今はすこしこれを手に入れたかと思われたが、相沢のこのごろの言葉の端々に、「本国に帰っても一緒にこのようであつたらなあ」などと言つたのは、大臣がこのようにおっしゃつたのを、友人でも公的なことなので明確には告げられなかつたのだろう。今更考えて見れば、私が軽率にも彼に向かってエリスとの関係を絶つと言つたのを、もはや大臣に告げたのかもしれない。

ああ、ドイツに来た初めに、自分の本領が発揮できると思つて、また機械的人物にはなるまいと誓つたが、これは足を縛られて放たれた鳥がしばらく羽を動かして自由を自由を獲得したと誇つていたのではなからうか。足の糸を解く術はない。前にこれを操つていたのは、某省の官長であり、今この糸は、ああなんということか、

天方伯の手の中にある。私が大臣の一行とともにベルリンに帰ってきたのは、まさに新年の朝であった。駅で別れを告げて、我が家を目指して馬車を走らせた。ここでは今でも大晦日には眠らず、元旦に眠る習慣なので、すべての家が静まり返っていた。寒さは強く、路上の雪は角のある氷のかけらとなって、晴れた日の光に映って、きらきらと輝いていた。馬車はクロステル街に曲がって、家の入り口で止まった。この時窓を開く音がしたが、車からは見えない。御者に鞆を持たせて階段を登ろうとすると、エリスが階段を駆け下りるのに出会った。彼女がひと声叫んで私のうなじを抱いたのを見て御者はあきれたような顔付きで、何か髭の中で言ったが聞こえなかった。

「よく帰っていらっしやいました。帰っていらっしやらなければ私の命は終わっていたでしょうに。」私の心はこのときになっても決まらず、故郷を思う気持ちと栄達を求める心とが、時として愛情を圧倒しようとしていたが、まさにこの一瞬、堂々巡りのためらいの気持ちは去って、私は彼女を抱き、彼女の頭は私の肩により掛かって、彼女の喜びの涙ははらはらと肩の上に落ちた。

「何階に持って行きますか。」と銅鑼のように叫んだ御者は、すでに登っていて階段の上に立っていた。

扉の外に出迎えたエリスの母親に、御者に渡してくださいと銀貨を渡して、私は手を取って引っ張るエリスに伴われて、急いで部屋に入った。ちょっと見て私は驚いた。机の上には白い木綿、白いレースなどがうずたかく積まれていたので。

エリスは微笑みながらこれを指さして、「どう御覧になる？ この仕度を……」と言いながらひとつの木綿布を取り上げるのを見るとオムツであった。「私の気持ちの楽しさを考えてみて。産まれてくる子はあなたに似て黒い瞳を持っているかしら？ この瞳。ああ、夢にばかり見たのはあなたの黒い瞳よ。生まれてくる日までにはあなたの正しい心で、まさか他の苗字を名乗らせないでしょう？」彼女は頭を下げた。「子供っぽい笑われるでしょうが、洗礼を受ける日はどんなに嬉しいでしょう。」見上げた目には涙があふれていた。

二、三日の間は大臣も、旅の疲れがおありになるだろうと敢えて訪ねず、家にばかりこもっていたが、ある日の夕暮れに使いがあって招かれた。行ってみると待遇がとくにすばらしく、ロシア行きの労を尋ねてねぎらってくれた後、「私とともに東に帰る気持ちはないか？ 君の学問は私には計り知れない……語学だけで世の中の用は足りるだろう……滞在が余りに長いので、様々な縁者もあるだろうと、相沢に聞いたが、そういうことはないと聞いて安心したよ」とおっしゃる。その様子は断れそうにもない。「あっ！」と思ったが、さすがに相沢の言葉を嘘だとも言いづらく、もしこの手にすがらなければ、本国も失い、名誉を取り返す道も絶たれ、この身はこの広漠としたヨーロッパ大都市の人の海に葬られるのかと思う気持ちが、

心を衝いて起こった。ああ、なんという節操のない心だろう、「承知しました」と答えてしまったのは……。

厚顔であったとしても、帰ってエリスに何と言おう。ホテルを出たときの私の心の錯乱は、たとえるものがなかった。私は道の東西もわからず、考えに耽って歩いていくうちに、行き交う馬車の御者に何度か怒鳴られ、驚いて飛び退いた。しばらくしてふと辺りを見れば、動物園の側に出ていた。倒れるように道端のベンチに座り、焼けるように熱く、金槌で打たれるように響く頭をベンチの背にもたせかけ、死んだような様子で何時間過ごしたのか……。激しい寒さが骨に染み通ると感じて目が覚めたときは、夜になって雪が激しく降り、帽子のひさしと、オーバーの肩には三センチくらいは積もっていた。

もう十一時は過ぎただろう……。モハビット・カルル街を通る鉄道馬車の軌道も雪に埋もれ、ブランデンブルク門のほとりのガス灯は寂しい光を放っていた。立ち上がろうとするのに足が凍えているので、両手でさすって、ようやく歩けるくらいにはなった。足の運びがはかどらないので、クロステル街まで来たときは、夜半を過ぎていただろう。ここまで来た道をどうやって歩いたかわからない。一月上旬の夜なので、ウンター・デン・リンデンの居酒屋、喫茶店はまだ人の出入りが盛んで賑わしかつたはずだが、まったく覚えていない。私の頭の中にはただただ《自分は許すべからざる罪人だ》と思う気持ちだけが満ち満ちていた。

四階の屋根裏には、エリスはまだ寝ていないらしく、光り輝く星のような灯りが、暗い空にすかしてみると、明るく見えるが、降りしきる鷺のような雪片に、たちまち覆われ、すぐにまた顕れて、風に弄ばれているようである。戸口に入ったときから疲れを感じて、身体の節々の痛みが耐え難いので、這うように階段を登った。キッチンを通り、部屋の戸を開いて入ったところ、机の側でオムツを縫っていたエリスが振り返って、「あっ」と叫んだ。「どうなさったの？ あなたのその格好は……」

驚いたのもうなずける……。青ざめて死人のような顔色、帽子をいつの間にか無くし、髪はめちゃめちゃに乱れて、何度か道で躓き倒れたので、衣服は泥まじりの雪で汚れ、所々はさけていたのだ。

私は答えようとしたが声が出ず、膝が頻りに震えて立ってられないので、椅子をつかもうとしたまでは覚えているが、そのまま床に倒れた。

意識が回復するまでになったのは数週間の後だった。熱が激しくうわごとばかり言うのを、エリスが丁寧に看病しているときに、ある日相沢が尋ねて来て、私が彼に隠していた全てを詳しく知り、大臣には病気のことだけ告げ、良いように取り繕ってくれた。私は初め、病床に待機しているエリスを見て、その変わり果てた姿

に驚いた。彼女はこの数週間のうちにとってもやせて、血走った目はくぼみ、灰色の頬は落ちくぼんでいた。相沢の助けで日々の生計には困窮していなかったが、この恩人は彼女を精神的に殺してしまったのだ。

後で聞くと彼女は相沢と会ったとき、私が相沢に与えた約束を聞き、また例の夜大臣に申し上げた承諾を知り、急に椅子から飛び上がって、顔色はまるで土のように、「私の豊太郎は、そこまで私をだましていたの！」と叫び、その場に倒れた。相沢は母親を呼んで共に助け起こしベッドに寝かせたが、しばらくして目が醒めたときは、目は前を見つめたままで側の人もわからず、私の名を呼んでひどく罵り、髪の毛をむしり、布団を噛むなどし、また急に気が付いた様子で何かを探し求めていた。母親が取って与える物をことごとく投げ捨てたが、机の上にあったオムツを与えたとき、探ってみて顔に押し当て、涙を流して泣いたという。

これ以後は騒ぐことはなかったが、精神の働きはほとんど全く止まって、その知能は赤ん坊のようになった。医者に見せたところ、「過激な心労で急に起こったパラノイアという病気なので、治癒の見込みはない」と言う。ダルドルフの精神病院に入れようとしたが、泣き叫んでききいれず、後には例のオムツ一つを身の回りにおいて、何度も出して見て、見てはすすり泣いた。私の病床を離れないが、これとても理解してはいないように見える。ただ時々思い出したように「薬を、薬を...」と言うばかり.....。

私の病気は全く治った。生ける屍となったエリスを抱きしめて涙を注いだことは幾度になろうか.....。大臣に従って帰東の途に就いたとき、相沢と相談してエリスの母にかすかな生活をするのに足りるくらいの元手を与え、かわいそうな狂女の胎内に遺した子供が生まれるときのこと頼んでおいた。

ああ、相沢謙吉のような良き友はもう二度と得られないだろう。しかし私の脳裏に一点の彼を憎む気持ちが今日までも残っている。